



Kássia De Paula Rangel Pedrosa

**MOBILIDADES E PERMANÊNCIAS:
ANÁLISE DOS DESLOCAMENTOS
MIGRATÓRIOS EM RIO DAS PEDRAS**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio.

Orientadora: Maria Sarah da Silva Telles
Coorientadora: Rodica Weitzman

Rio de Janeiro
Setembro de 2023



Kássia De Paula Rangel Pedrosa

**MOBILIDADES E PERMANÊNCIAS: ANÁLISE DOS
DESLOCAMENTOS MIGRATÓRIOS EM RIO DAS
PEDRAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa
de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-
Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora
abaixo:

Prof^a. Maria Sarah da Silva Telles

Orientadora

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PUC-Rio

Prof^a. Rodica Weitzman

Coorientadora
Pesquisadora Autônoma

Prof^a. Grazielle Cristina Dainese de Lima

Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFF

Prof. Marcelo Tadeu Baumann Burgos

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Kássia de Paula Rangel Pedrosa

Graduada em Licenciatura pela Universidade Federal Fluminense. É mestre em Ciências Sociais pela PUC-Rio. Tem interesse em pesquisas sobre migração, deslocamentos, mobilidades, memória, violência e milícia.

Ficha Catalográfica

Pedrosa, Kássia de Paula Rangel

MOBILIDADES E PERMANÊNCIAS: ANÁLISE DOS DESLOCAMENTOS MIGRATÓRIOS EM RIO DAS PEDRAS / Kássia de Paula Rangel Pedrosa; Orientadora: Maria Sarah da Silva Telles; Coorientadora: Rodica Weitzman. – 2023.

74 f ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2023.

Inclui bibliografia

CDD: 300

Aos herdeiros do trecho

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a minha mãe, pelo afeto dedicado e pela sua bravura em construir uma prática de cuidado, pois foi através destes sentimentos que me possibilitaram perseguir os meus sonhos. Agradeço ao meu pai que através de sua trajetória de vida me orgulha, e por também ter me proporcionado condições para que eu pudesse realizar o mestrado. Aos meus irmãos, Marco Antônio e Denise Patrícia, minhas referências de segurança. Ao Fábio, Kelly e Patrícia agradeço pelos conselhos e carinho. Aos que me apresentaram através de suas histórias que é possível sustentar os afetos com ternura e coragem em nossas escolhas de vida. Vocês são a lembrança que através do sertão e além do mar existem muitas formas de encontro, muito obrigado.

Meu coração enche de alegria ao ver a parceria construída com a minha orientadora Sarah Silva Telles e com a professora coorientadora Rodica Weitzman, vocês me ensinaram a ter paciência e confiança no processo de pesquisa, foi muito importante ter vocês como aliadas. Agradeço aos mestres do programa Marcelo Burgos, Maria Alice Rezende de Carvalho, Fernando de Lima Netto, Ricardo Ismael, Valter Sinder e Luiz Werneck Vianna, e ao todo corpo docente da PUC-Rio, ter sido formada por vocês foi especialmente enriquecedor para minha trajetória acadêmica. Aproveito o ensejo e deixo meus agradecimentos à toda equipe administrativa do departamento, abraços Ana Roxo e Aline Selder, o programa desfruta de muitas qualidades, e com certeza o sentimento de acolhimento é sua maior marca. Esta pesquisa contou com o apoio e recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior que foi essencial para realização do trabalho. E claro, agradeço a todos os interlocutores do campo, vocês foram meus parceiros-aliados nesta empreitada.

À Ester Freitas, minha amiga de longa data, seu apoio, incentivo e carinho me fizeram continuar a jornada tendo o bom humor como cúmplice. Abraços para Erivan Dantas, Laís Diel e Silvinha, amigos da UFF e da minha Vila Isabel. Deixo meus agradecimentos para as amigas do início da graduação Tayná Santi, Ariel Morelo e Laís Xavier, desbravar o mundo com vocês foi uma experiência insuperável. Agradeço aos colegas de curso Luísa Tavares e Cláudio Fernando, o senso de justiça e a doçura de vocês me inspiram. Quero deixar um espaço especial ao coletivo de amigos migrantes, Thadeu, Danilo, Tiago, Mariana, Nilane, Giuliana, Cláudio e Lenin, obrigado Nilen por ser o elo

em aproximar itinerâncias e afetos. Agradeço aos camaradas da militância que me apresentaram uma compreensão de mundo transformadora, ao Grupo de Estudos de Epistemologia, Zé Antônio, Ju Passos, Victor Hugo e Pedro Perrone e os demais que se empenharam em tantas lutas. Cara Ariane, obrigado por me mostrar que as mulheres pesquisadoras podem reivindicar outras formas de estar no mundo, sua paixão e comprometimento me motivam. Querida Daniela Rosário, sua generosidade foi essencial para que essa escrita se encarnasse em realidade, muito obrigado. Um salve aos companheiros de São Paulo, seguimos ombro a ombro investigando como construir um novo amanhã com muita festa e luta.

Registro os meus agradecimentos a Yá Wanda D’Omulu e a toda comunidade Ylê Asé Egi Omin, percebi que acessar a ancestralidade é ter a oportunidade em se reencantar com o mundo, é encontrar beleza no imprevisível, é avançar no vento, é sustentar o custo do movimento. Nesta travessia outra pessoa que me ajudou a construir este conjunto de deslocamentos foi a minha analista Aline de Oliveira e Souza, foi através dos nossos encontros que pude ter recursos em transformar desejo em ato. Obrigado.

Querido Pedro, você é a lembrança que existe potência no cuidado, obrigado por suavizar o cotidiano. Celebrar a vida contigo é recordar que um bom encontro é como uma força da natureza, inescapável. E por fim, caro Lino, obrigado por me ensinar que driblamos o medo com imaginação e coragem. Vocês são a imagem de muitos movimentos, muito obrigado.

Resumo

Pedrosa, Kássia De Paula Rangel; Telles, Maria Sarah Da Silva (Orientadora); Weitzman, Rodica (Coorientadora). **MOBILIDADES E PERMANÊNCIAS: ANÁLISE DOS DESLOCAMENTOS MIGRATÓRIOS EM RIO DAS PEDRAS**. Rio de Janeiro, 2023. 74p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação aborda o tema do deslocamento migratório em Rio das Pedras, uma favela da Zona Oeste do Rio de Janeiro, e investiga como a dimensão das permanências contribuem para a área de estudos sobre mobilidades. A pesquisa é fundamentada em um trabalho empírico que utiliza a técnica de observação participante e a metodologia de análise de trajetórias, além de revisão da literatura teórica. O contexto histórico se concentra em um período de intenso fluxo migratório dos estados do Nordeste para a cidade do Rio de Janeiro, durante uma fase de expansão significativa nos setores da construção civil e dos serviços. O objetivo da investigação é refletir sobre os afetos e sentimentos que surgem em decorrência do deslocamento, considerando que esse fenômeno não se limita apenas à dimensão espacial, mas também se relaciona no âmbito subjetivo e social. Dessa forma, são analisados outros temas transversais que contribuem para a compreensão das permanências, por exemplo o papel da memória como elemento explicativo do movimento das trajetórias. Além disso, examino a produção de moralidades e seu impacto na criação de sociabilidades. Por fim, disserto como esses aspectos se manifestam no contexto específico da territorialidade, levando em consideração os desafios da violência urbana na sociedade contemporânea.

Palavras-Chave

Deslocamentos; Mobilidades; Rio das Pedras; Memória; Análise de Trajetórias.

Abstract

Pedrosa, Kássia De Paula Rangel; Telles, Maria Sarah Da Silva (Advisor); Weitzman, Rodica (Co-advisor). **MOBILITY AND PERMANENCE: ANALYSIS OF MIGRATORY MOVEMENTS IN RIO DAS PEDRAS.** Rio de Janeiro, 2023. 74p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation addresses the issue of migratory displacement in Rio das Pedras, a favela in the West Zone of Rio de Janeiro, and investigates how the concept of permanence contributes to the field of studies on mobilities. The research is based on an empirical work that uses the participant observation technique and the trajectory analysis methodology, in addition to a review of the theoretical literature. The historical context focuses on a period of intense migratory flow from the Northeastern states to the city of Rio de Janeiro, during a phase of significant expansion in the sectors of civil construction and services. The objective of the investigation is to reflect on the affections and feelings that arise as a result of displacement, considering that this phenomenon is not limited only to the spatial dimension, but also relates to the subjective and social scope. In this way, other transversal themes that contribute to the understanding of permanencies are analyzed, such as the role of memory as an explanatory element of the movement of trajectories. Furthermore, we examine the production of moralities and their impact on the creation of sociability. Finally, we investigate how these aspects are manifested in the specific context of territoriality, taking into account the challenges of urban violence in contemporary society.

Keywords

Displacements; Mobilities; Rio das Pedras; Memory; Trajectory Analysis.

Sumário

1. Introdução - O Percurso de Pesquisa.....	11
1.1 Objetivos.....	16
1.2 Metodologia.....	16
1.3 Contexto Histórico Da Favela: No Meio Do Caminho Havia Um Rio De Pedras 19	
1.4 Abertura De Campo: Um Caminhar Na Neblina.....	22
2. Mobilidades E Memória Em Movimento.....	24
2.1 Permanências: Uma Outra Face Das Mobilidades.....	24
2.2 Aberturas E Dobraduras Do Trabalho De Campo.....	26
2.3 Deslocamentos E A Maternidade - Um Sistema De Representação De Autorizações.....	31
2.4 Deslocamentos Migratórios, Geracionais E Metodológicos.....	36
2.5 Memória E Pecado Original Da Migração: Solidão E Solicitude.....	38
2.6 Memória Em Movimento.....	41
3. Território E Permanências.....	46
3.1 Território E Territorialidades.....	46
3.2 Territórios Construídos: Violência Como Gestão Da Vida Social E Econômica.....	49
3.3 Deslocamentos Na Produção De Moralidades – A Recusa Da Experiência Da Maternagem.....	61
3.4 Permanências Em Movimento: Os Vínculos Sociais E Territoriais.....	65
4. Considerações Finais.....	67
5. Referências Bibliográficas.....	70

Listas de Figuras

Figura 01 – Portal das Pedras em 2019.....	21
Figura 02 - Jornal O Dia “Com a Alma do Nordeste”.....	33

Vida de Artista

Na vida sou passageiro
Eu sou também motorista
Fui trocador motorneiro
Antes de ascensorista

Tenho dom pra costureiro
Para datiloscopista
Com queda pra macumbeiro
Talento pra adventista

Agora sou mensageiro
Além de paraquedista
Às vezes mezzo engenheiro
Mezzo psicanalista

Trejeito de batuqueiro
A veia de repentista
Já fui peão boiadeiro
Fui até tropicalista

Itamar Assumpção

1. Introdução – O Percurso de Pesquisa

A pesquisa a seguir é um trabalho dedicado a investigar o fenômeno social dos deslocamentos migratórios e como são manifestado os sentimentos de pertencimento ao território de Rio das Pedras. A partir do contexto da construção de grandes metrópoles pretendo analisar as expectativas de pertencimento tecidas em um novo território. O trabalho realizado aqui diz também sobre os sentimentos construídos em meio ao processo do deslocamento e as permanências possíveis. Dito isto, como um recurso interpretativo foi mobilizado a metodologia de análise de trajetória de vida¹ e a memória se tornou um importante elemento de análise assim como a produção de moralidades se apresentou como um dispositivo explicativo das práticas sociais.

O campo investigado foi realizado na favela de Rio das Pedras localizada na região da zona oeste do Rio de Janeiro. A comunidade possui a uma importante característica geográfica, é uma favela majoritariamente plana exceto pela única área de elevação na região do Pinheirinho. No sentido topográfico Rio das Pedras se difere expressivamente de outras favelas localizadas na cidade, onde a configuração residencial é baseada em terrenos diagonais devido a construção das casas em cima dos morros e colinas.

A favela de Rio das Pedras se localiza ao lado da floresta da Tijuca, onde uma parte do bairro é banhada pela lagoa da Barra da Tijuca e o outro lado é serpenteado por condomínios de luxos no Itanhangá. Por está posicionada próxima a lagoa possui um tipo de solo pantanoso², portanto não é recomendado para construções de grande porte. Cabe registrar que a expansão da Barra demandou uma absorção de mão de obra sobretudo na área da construção civil, fato de relevância social pois tornou a região mais atrativa.

É relevante acrescentar, que ao caracterizar Rio das Pedras se destacam dois importantes aspectos: o intenso fluxo migratório da região nordeste (TELLES, 2016; BURGOS, 2000) e a dominação territorial e econômica realizada pela milícia. A organização social dessa favela não se diferencia exclusivamente pela disposição

¹ Conceito mobilizado a partir da obra de Pierre Bourdieu em “A Ilusão Biográfica” 1986, que aborda o relato de história individual como um caminho, uma estrada ou um ponto de encruzilhada de informações coletadas que se transformam em ferramenta de análise sociológica.

² Segundo o trabalho realizado por Sarah Silva Telles (TELLES, 2016, pág 16) o aterramento de grande parte do território daquela favela foi realizado pelos moradores e a área não era indicada para construção de moradias, pois o terreno era pantanoso. Observamos com certa frequência o desmoronamento de casas, acarretando tragédias de famílias inteiras.

arquitetônica, mas também como os sujeitos se relacionam com a violência urbana manifestada por rígidos códigos de comportamento (BELCHIOR MESQUITA, 2008). A partir deste cenário, a proposta é investigar por meio da chave da memória as elaborações morais tecidas nas permanências possíveis em face aos deslocamentos. Pois a realização do ato não se manifesta apenas no plano espacial, mas também nos desdobramentos sociais produzidos nesses trânsitos. A metodologia adotada é análise de trajetórias de vida e a abordagem é observação participante em situações etnográficas.

A pesquisa desenvolvida aqui possui como principal inquietação o desejo em investigar como os sujeitos elaboram suas permanências diante dos vários tipos de deslocamentos mobilizados. Como dito anteriormente, a definição conceitual adotada compreende que o deslocamento se manifesta para além de uma transferência geográfica, de modo que é possível reconhecê-lo através da produção de novas sociabilidades. A hipótese sustentada é que as moralidades despontam como uma operação social de atualização e atribuição de sentido sobre o fenômeno da mobilidade espacial.

Este trabalho possui a intenção em apresentar contribuições ao campo das ciências sociais, ao analisar o desdobramento conceitual referente ao movimento do deslocamento associado às relações sociais inscritas no território. Dito isto, pretendo indicar a posição do tema na tradição sociológica e discorrer sobre sua contribuição analítica.

As ciências sociais constituem um campo de produção de conhecimento dedicado a sistematizar os estudos das relações sociais a partir das condições históricas, econômicas e culturais. Por exemplo, compreender os elementos fundantes da modernidade foi um trabalho cujos principais cientistas sociais se empenharam analisar. É possível afirmar que as ciências sociais no Brasil são um movimento científico que pretende sistematizar reflexões socialmente explicativas sobre a nossa trajetória coletiva.

Em nosso caso, a sociologia brasileira se dedicou a analisar importantes eventos históricos e como estes formaram a tessitura do nosso tecido social. Diversos pensadores se dedicaram analisar o trauma coletivo da escravidão e como este momento histórico escancarava a inadequação nacional aos princípios liberais. A análise de Martins (2013) revela outra característica sobre a modernidade dos trópicos, cujo progresso baseia-se nos valores do conservadorismo e do atraso. Segue o trecho:

“Aqui, a transição para o capitalismo teve seu próprio percurso e seu próprio ritmo. Tem sido transição vagarosa, extraviada nos atalhos de inovações sociais e econômicas tópicas, que nos permitem ser o que não somos e chegar aonde não podemos. Saltos sobre o bloqueio do atraso.”
(MARTINS, 2013, p.20)

Nesse período o interesse das ciências sociais era voltado a investigar a representação simbólica do progresso e realização econômica como signo da metrópole. A cidade a ser construída demandava mãos que a colocassem em pé, sujeitos dispostos rasgar trechos e erguer espaços concretos. O desenvolvimento industrial possibilitou aos migrantes uma entrada expressiva no mercado do trabalho formal, contudo a demanda por mão de obra revelou também a fragilidade urbana em recepcionar estes trabalhadores. Portanto ao falar de migração é constatar as possíveis tensões históricas entre o urbano e o rural.

Compreendo que a permanência espacial demanda elaborações reflexivas diante ao deslocamento geográfico e social, tendo em vista as angústias geradas em um procedimento que não se encerra quando chega ao local pretendido. O argumento defendido é que a permanência espacial é socialmente qualificada por meio de disposições morais, ou seja, uma disponibilidade em travar movimentações na percepção de regras, valores e normas. Portanto a proposta é demonstrar que as moralidades também desfrutam das qualidades da mobilidade, elas se movimentam de acordo com o fluxo das memórias e com as situações territoriais.

O pano de fundo que pretendo investigar é como se deu a ocupação do espaço urbano e quais as estratégias foram incorporadas a fim de “dobrar” a cidade. Interessa-me observar como os sujeitos percebem os afetos em torno do “pecado da ausência” (SAYAD, 1998)³, este foi um sentimento privilegiado pela análise pois fornecia pistas como era construído as permanências. À medida que fui aprofundando na literatura especializada identifiquei como o sentimento de pertencimento é um elemento catalisador de produção de vínculos sociais e territoriais.

A partir do fenômeno do deslocamento há uma potência heurística da memória como um recurso operacional de produção de narrativas em relação ao ato de permanecer. Cabe elencar, quando me refiro ao termo permanências é para destacar a habilidade que

³ É uma reflexão presente na obra de Abdemalek Sayad que investiga os sentimentos produzidos a partir do fenômeno de migração franco-argelina. Um dos aspectos abordados no capítulo dois por mais que seja necessário justificar a ausência, o emigrante sempre vai ter que lidar com o aspecto de suspeita, traição ou desertor.

os sujeitos sustentam ao persistir, ao ato de continuar, de estabilizar, pois compreendo que existam camadas de elaborações que não são estáticas, mas se alteram de acordo com as situações. Este aspecto foi observado durante uma entrevista em que assisti por vídeo gravação.

A situação foi a seguinte, a interlocutora Roberta realizou uma matéria sobre memórias em Rio das Pedras e fez uma pergunta capital ao entrevistado, ela o questionou se havia algo na vida que gostaria de mudar, o homem prontamente responde: “não teria vindo para o Rio, mas vim para conhecer ela (sua esposa)”. Embora a resposta "não teria vindo" possa gerar uma aparente contradição, o fato é que mesmo diante de um evento que nemo próprio sujeito saberia se iria se realizar, a justificativa do deslocamento se dá partir de um encontro afetivo. Aliás este episódio voltará aparecer em diversos momentos do texto e desenvolverei mais a frente, pois é um dado importante de forma que destaca a participação da memória e da produção afetiva como importantes agentes de sociabilidades.

O encontro temático com este objeto de estudo foi produto de vários bons encontros em minha trajetória acadêmica. Desse modo a migração foi se revelando como um potencial campo de pesquisa. E foi durante a iniciação científica no CESTEH/ESNP-Fiocruz, onde acessei a categoria *trabalhador corre-trecho*⁴. A partir dessa experiência de pesquisa foi despertado o desejo de estudar as outras dimensões socioafetivas produzidas durante o processo do deslocamento.

Cabe mencionar que houve um redirecionamento metodológico, considerando o curto tempo disponível para a realização de uma pesquisa de mestrado e os limites sanitários de segurança decorrentes da pandemia. A expectativa inicial era investigar um sujeito social migrante que constituía sua vida *rasgando o trecho* (GUEDES, 2013; RUMSTAIN, 2009) em trabalhos temporários geralmente ligados a grandes projetos de desenvolvimento, contudo não foi possível avançar os estudos nessa área.

A relação com a pesquisa atravessou momentos de frustração pois não encontrei o objeto que esperava, o que demandou considerar os meus possíveis idealismos

⁴ Aproximei-me desta categoria quando atuei como colaboradora convidada na Rede de Pesquisa Trabalho, Saúde e Proteção Social no ENSP/CESTEH – Fiocruz (2017). Especificamente quando fizemos um estudo dirigido da dissertação “Tudo não é por acaso”: exploração, greves, sindicatos surpreendidos e a saúde dos trabalhadores do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (ALMEIDA, 2016)

investigativos. A jornada a seguir pode ser lida como uma reconciliação com as expectativas acadêmicas e a disponibilidade de tempo de pesquisa, nesse sentido me senti convidada a refletir o tema da mobilidade em outras chaves. Inserida nesse novo universo tive oportunidade de repensar outras dimensões dos vínculos e permanências.

Ainda discorrendo sobre a flexibilização metodológica, é pertinente registrar que a intenção foi sustentar a realização de um trabalho: com abordagem qualitativa, cujo tema central fosse migração e relacionando as inspirações teóricas reunidas até aqui. Enquanto pesquisadora a postura adotada foi baseada no seguinte critério, campos de pesquisa cuja instituição já possuísse histórico de investigação — nesse caso o Departamento de Ciências Sociais PUC-Rio, possui a tradição de investigar sociologia urbana em áreas de favelas na cidade do Rio de Janeiro — de modo que pudesse colocar a bagagem teórica que me inspirava em evidência.

A título de contextualização da pesquisa, dos oitos interlocutores que estabeleci contato todos possuíam histórico de migração familiar, sendo em primeiro ou segundo grau geracional. A grande maioria dos indivíduos são oriundos dos estados do Ceará, Paraíba e Pernambuco. Cabe ressaltar outro aspecto importante, geralmente em nossas interações o tema da violência era verbalmente limado, o que é razoavelmente compreensível, mas enquanto pesquisadora o balanço sociológico que faço é observar como o silêncio comunica, este aspecto será desenvolvido nos capítulos a frente.

Por fim, cabe registrar alguns paradigmas analíticos e compartilhar a posição sustentada aqui. Quando decidi investigar o deslocamento migratório em Rio das Pedras sabia que não poderia me esquivar da pauta da violência mesmo não sendo o tema central do trabalho. Foi ao navegar pela bibliografia junto à experiência em campo que pude amadurecer a posição em não reproduzir uma visão idílica da comunidade e nem retratá-la como “escritório do crime”. Enquanto pesquisadora em formação, me coube o exercício da reflexão na reprodução de estereótipos e investigar a quem interessa essas inscrições.

Neste trabalho realizo uma pesquisa participando e coletando as memórias de meus interlocutores. Portanto quando os escuto trazendo alguma imagem reproduzindo discurso negativo ou idealizado da favela, observo e reflito: quais são as motivações em jogo? É um convencimento para si ou para outro? O ponto nevrálgico não é o que foi dito, mas investigar quais são as motivações em disputa da representação do deslocamento

inscrito no território da favela. Essas são uma das tarefas as quais pretendo elaborar na dissertação.

1.1 Objetivos

O objetivo da pesquisa foi demonstrar que as permanências são elaborações sociais decorrentes do fenômeno do deslocamento. A finalidade deste trabalho é apresentar outras perspectivas interpretativas do conceito de deslocamento e como as permanências ampliam esse escopo teórico. Pois estas possuem a capacidade de se transformar, adaptar ou flutuar de acordo com as situações e demandas subjetivas.

1.2 Metodologia

A pergunta capital da pesquisa, o que faz as pessoas insistirem na permanência do deslocamento? Primeiramente a proposta é colocar a categoria permanências em destaque e depois qualificá-la em seus aspectos flutuantes e móveis. Posteriormente, apresentar os temas transversais que sustentaram a tese das permanências como ampliação conceitual da perspectiva do deslocamento. Portanto, observei que a participação da memória, das moralidades, sociabilidades e territorialidades entram como contribuidores conceituais do argumento das permanências. É importante a hierarquização temática a fim de localizar as disputas teóricas e os acúmulos analíticos consolidados.

A metodologia de análise de trajetórias, utilizada nesta pesquisa, tem como referência teórica a produção de Pierre Bourdieu (1986). Segundo Leite Lopes e Cioccarri (2013), a análise de trajetórias consiste na narrativa da própria história do sujeito, o que proporciona uma série de percepções sobre si mesmo e sobre sua trajetória. Dessa forma, o método possibilita a sistematização de dados que podem revelar seleções privilegiadas sobre as atualizações de sentidos em relação ao ato de migrar.

A técnica mobilizada foi observação participante de inspiração etnográfica, e o recorte temporal é mediado segundo as falas dos interlocutores tendo em vista a análise da trajetória de vida. Cabe ressaltar, em todas as etapas da pesquisa garanti o anonimato dos meus interlocutores, selecionando apenas as informações que forneceriam pistas analíticas que contribuíssem para o debate. Preservando os detalhes mais sensíveis das suas vidas pessoais.

Como dito anteriormente a estratégia de abertura de campo foi procurar estudantes vinculados à PUC que morassem na comunidade, contando com a disponibilidade destes aliados eu expandi a rede de contatos. O procedimento de coleta de informações possui a seguinte estrutura: idas a campo, notas de campo redigidas após as visitas, participação em atividades sociais e religiosas do bairro e sistematização de materiais que os próprios interlocutores traziam como conteúdo audiovisual, matérias de jornais etc. A pesquisa reuniu o total de dez idas a campo, sendo a primeira visita preliminar de reconhecimento da favela e as outras nove ocasiões registradas em notas de campo. Houve também uma realização de entrevista virtual a pedido da interlocutora afirmando se sentir mais segura tendo em vista as questões da pandemia e de segurança já que atua com jornalismo comunitário.

Após a abertura de campo se estabelecer redirecionei as idas à campo ao ambiente religioso tais como igrejas protestantes, por identificar como um espaço aprofundamento de vínculos sociais e periodicidade de encontros. Na época da pesquisa estava dedicada a desenvolver os contatos no intuito de acessar mais detalhadamente sobre as trajetórias de vida e suas impressões com a chegada em Rio das Pedras. E dessa forma fui seguindo e costurando a rede de contatos onde pudesse coletar inquietantes prosas.

O método informa sobre qual perspectiva a reflexão está sendo construída. Portanto a abordagem metodológica revela sobre qual lente o pesquisador está analisando o fenômeno, em quais critérios estão sendo produzidas suas interpretações. As reflexões são baseadas no levantamento teórico aliado a uma construção epistemológica que fornecerá recursos interpretativos e científicos acerca da realidade social.

No caso em questão, seleciono a memória como elemento articulador entre as relações sociais, o deslocamento vivenciado e os eventos vividos. Desse modo, compreendo que a operação social envolvida organiza os sentimentos em torno da chave da busca pelo pertencimento. Dessa forma, é possível compreender de maneira mais clara como a memória atua como um instrumento fundamental para a consolidação de laços sociais e identidades coletivas. O pensador Michael Pollak desenvolve este conceito, segue citação:

“Por definição reconstrução a posteriori, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. (...) Através desse

trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.” (POLLAK, 1989, p.13)

Uma das escolhas metodológicas centrais deste estudo foi a identificação da transversalidade do tema das moralidades, pois foi identificado como esses recursos são acionados pelos sujeitos para explicar os eventos em suas vidas. É fundamental destacar que essas construções possuem uma notável capacidade explicativa, uma vez que comunicam a construção de sentidos esignificados, qualificando o ato de deslocamento. Portanto, a expressão social resultante ocorre por meio da operação da memória em conjunto com o território situado, contribuindo para a formação de sociabilidades. Para que essa manifestação social se realize, as moralidades desempenham um papel central conectando os sujeitos.

A obra de Leonardo Sá (2014) foi uma referência que contribuiu para a maturação da categoria das moralidades. O seguinte trecho me possibilitou concatenar algumas aproximações possíveis com o deslocamento e memória:

“O fato de os atores sociais terem de lidar, precisarem recorrer manusear e manipular formas culturais para fazer acordos, atribuir responsabilidades, livrarem-se delas, estabelecerem mecanismos situacionais de prestação de contas, manterem procedimentos de acusação, enfim, fazer o uso das formas simbólicas imersas na ordem da interação, tudo isso parece funcionar como ajustes recursivos e recorrentes frente à pluralidade de gramaticais morais.” (SÁ, 2014, p.10)

No desenvolvimento do percurso teórico foi importante considerar a importância do contexto territorial pois é neste espaço que as manifestações sociais estão inscritas. As moralidades são um tipo de recurso acionado em certas circunstâncias a fim de satisfazer interesses, podendo sustentar valores podendo ser temporários ou não.

1.3 Contexto Histórico da Favela: No Meio do Caminho Havia Um Rio De Pedras

A partir do levantamento de campo acessei a informação que a explicação da origem do nome da favela é dada pelo rio com forte correnteza que faziam pedras rolar com o curso das águas, segundo os interlocutores, as primeiras casas da região foram construídas as margens deste rio. O trabalho de conclusão de curso da jornalista Fernanda Calé (2019) discorreu sobre este fato anedótico e outras reportagens interessantes sobre a vida na favela, além de reunir imagens inéditas. Parte do material produzido por Calé foi mobilizado nesta pesquisa como ferramenta de investigação e selecionei trechos das matérias que considero relevantes.

O surgimento e a expansão de Rio das Pedras

Como começou a história de nossa comunidade.



Uma cena típica do cotidiano no início dos anos 1950.

As primeiras famílias chegaram a nossa comunidade já no fim dos anos 1950. A relação dos primeiros moradores com a região pode ser comparada com a encontrada em cidades do interior do país, eles eram em sua maioria lavadores, plantavam e colhiam nas terras. Eles viviam de uma forma diferente da encontrada em outras áreas da cidade na mesma época.

Essa pequena população local se fixou bem perto dos rios que atravessam a comunidade. O rio das Pedras era a principal fonte de água, para beber, tomar banho e lavar roupa. Não existia sistema de abastecimento na região, e o primeiro núcleo de moradores que se estabeleceram na localidade ocupando um dos locais mais próximos do rio, a localidade conhecida como Rua Velha, e que compõe o núcleo original da comunidade.

Os anos foram passando e a região de São João de Jacarepaguá cresceu, seus sub-bairros foram se tornando mais densos, entre eles um em especial se destacou, a região da Barra da Tijuca.

Figura 01 – Portal das Pedras, 2019.

Os registros levantados nessa pesquisa apontam que Rio das Pedras no início dos anos 1950 dispunha de uma grande área rural, segundo autora Calé (2019) nessa época houve um intenso fluxo migratório de agricultores para região. Janice Perlman (1977) destaca que a escolha da favela revelava também sobre as expectativas de emprego que os migrantes tinham em relação a cidade. Por exemplo, os indivíduos que decidiam morar nas favelas da zona sul estariam mais próximos de empregos ligados ao setor de

serviços de luxo, na zona norte era composta por uma periferia fabril e operária, na baixada seriam as cidades dormitórios (PERLMAN, 1977, p. 47), dessa forma podemos concluir que a zona oeste é um território de ocupação recente. A caracterização histórica das favelas na cidade do Rio de Janeiro é um importante aspecto para conseguirmos compreender a localização de Rio das Pedras:

“As três áreas – Zona Sul, Zona Norte e Subúrbios – diferem em muitos aspectos. Proximidade a efeitos de demonstração, heterogeneidade de contatos com a cidade, relacionamento com instituições externas, modalidades de empregos, condições ambientais, posse de terra, valor dos terrenos, densidade de ocupação, por exemplo, variavam enormemente de uma para outra. Julguei importante, então estudar a fundo pelo menos uma comunidade em cada uma dessas regiões.” (PERLMAN, 1977, p. 47)

Conforme apontado na literatura especializada (BURGOS, 2002; TELLES, 2016), o reconhecimento institucional da comunidade teve sua consolidação em 1969, quando os moradores pleitearam junto ao governador da então Guanabara, Negrão de Lima, a concessão dos títulos de posse. Esse período marcou o fim das ameaças de despejo promovidas pelo proprietário. Por outro lado, as autoridades governamentais estabeleceram a condição de que os moradores respeitassem os limites da área demarcada. Não obstante, o processo de ocupação das terras continuou a avançar vertiginosamente, conforme detalhado por Burgos (2002).

Nas décadas seguintes as ocupações seguiram ocorrendo, e foi durante o governo de Brizola em 1983 que surgiu a ocupação conhecida como Vila dos Caranguejos às margens da avenida Engenheiro Souza e Filho. Essa é a primeira mobilização por moradia registrada na história da favela. Segundo o relato de Seu Salvador, história que iremos aprofundar nos capítulos seguintes, quem realizava as demarcações e liberava autorizações dos títulos de posse era a associação de moradores. Aliás, outra informação importante trazida pelo interlocutor, foi durante a expansão das ocupações que surgiu atuação da então chamada “polícia mineira”, que eram certos “justiceiros” determinados a manter a ordem no bairro, cuja intenção era evitar a entrada da polícia e colocar a perder os terrenos ocupados.

Em 1990 é realizado uma ocupação marcante na memória coletiva dos moradores, uma construtora inicia um empreendimento de condomínio de classe média, terreno doado pelo poder público (CALÉ, 2019). Novamente os moradores se organizam e disputam o direito pelo espaço, inicialmente o acordo previa que parte do terreno seria doado para a favela, e os ânimos se arrefeceram. Porém pouco tempo depois é constatado que a construtora estava expandindo a área de construção, os moradores decidem então ocupar os prédios já construídos, muitos moram lá até hoje. Como resposta ao conflito a prefeitura realizou a construção de um conjunto habitacional e fez a concessão de espaço para as regiões da Areinha, Areal II e o Pinheiro.

Atualmente Rio das Pedras ocupa a posição da terceira favela mais populosa do país, segundo os dados do censo do IBGE 2010 (CALÉ, 2019). Nos últimos anos o crescimento expressivo de lojas e camelôs começaram expandir e ocupar as principais avenidas, vendendo todo tipo de mercadoria popular. Outra característica marcante é a construção das residências possuindo dois ou mais andares, não é incomum nos depararmos com casos de desabamentos devido a construções irregulares. Cabe acrescentar, outro aspecto pulsante em Rio das Pedras é observar que a favela oferece tudo o que os moradores desejam, como comércio, restaurantes, entretenimento, espaços religiosos e trabalho. Certa vez um interlocutor do campo disse “o acesso à cidade é aqui e agora. Temos tudo aqui”.

Na favela, um aspecto notável é a expressão da vida religiosa e como a dimensão do sagrado influencia o cotidiano dos sujeitos. Durante as primeiras caminhadas pelos becos e vielas, observei a presença de pequenas portas emitindo músicas religiosas. Lembro-me da disputa sonora entre os hinos cristãos e os sons da música popular nos botecos. No entanto, é importante destacar que Rio das Pedras também oferece espaços religiosos em edifícios amplos e confortáveis, para além do aspecto arquitetônico essas igrejas têm desempenhado um papel significativo na história da favela. A presença pulsante das igrejas não é exclusiva de Rio das Pedras, mas a maneira como os moradores lidam com a religiosidade é um aspecto importante da manifestação das sociabilidades na comunidade.

1.4 Abertura de Campo: Um Caminhar na Neblina

Em outubro de 2021 fui ao encontro do meu primeiro interlocutor. Um jovem de vinte e cinco anos que havia sido aluno da PUC-Rio e prosseguiu a sua formação acadêmica em um outro programa de pós-graduação. A estratégia selecionada foi realizar uma abertura de campo com jovens estudantes que pudessem me ajudar a acessar sujeitos que compunham a primeira leva de migrantes da família. Nesse sentido me dediquei a costurar uma rede de aliados (BEAUD, WEBER, 2007) que compartilhássemos algum nível de afinidade e que possivelmente pudessem contribuir com a minha entrada a campo.

No geral os encontros eram marcados por uma notável receptividade e um volume expressivo de histórias compartilhadas, era possível constatar uma disponibilidade em participar do trabalho. Após uma detalhada explicação sobre os interesses de pesquisa tentava rastrear um bom disparador de conversa. Dessa forma, começava sondar como havia sido a decisão em ingressar naquele curso de graduação, e como era reação dos pais ao verem o filho acessando o ensino superior, normalmente eram pautas que fornecem um interessante lastro de informações.

Após o desdobramento da prosa e controlado o estranhamento típico do primeiro contato, era possível rastrear a trajetória familiar e quando havia oportunidade perguntava mais detalhes sobre o processo do deslocamento migratório. Durante a minha apresentação destacava o recorte etário que buscava, ou seja, interlocutores que representavam as primeiras gerações que migraram para o bairro. Um fato importante da pesquisa foi quando encontrei esses personagens percebi que o campo tinha se encerrado, pois as informações começaram se repetir.

Contudo é importante registrar, os primeiros contatos foram marcados por uma tensão velada. Esses jovens que ascenderam educacionalmente demonstravam preocupação como a favela seria retratada. Em suas falas havia uma inquietação se eu reproduziria uma visão baseada em estereótipos, seja dando destaque exclusivo à violência urbana ou à escassez de direitos básicos. A tensão me fez refletir e em dois aspectos: convite a uma maior responsabilidade intelectual sobre o trabalho que ia ser realizado e outro como é o processo de conquista de confiança, um exercício que requer paciência.

Nesse sentido a preocupação metodológica foi expandir a rede de contatos de modo que eu pudesse realizar as entrevistas e a análise de trajetória com outros indivíduos, preservando assim a privacidade do núcleo familiar dos meus interlocutores. Contudo cabe mencionar, foi escutando seus relatos que acessei as principais chaves conceituais que fizeram esta pesquisa tomar corpo. Por exemplo, a partir de uma conversa despreziosa em uma das vielas da favela o tema da memória saltaram aos olhos.

Entretanto é válido registrar as dificuldades em campo. No geral, os primeiros encontros eram marcados por relatos desenvolvidos e acompanhados de promessas para próximas conversas, porém muitas vezes não foi possível continuar desenvolvendo essas redes. Com frequência observei que os interlocutores desistiam em manter contato e rompiam com os encontros combinados. As ausências de respostas são comportamentos esperados em um trabalho de campo e os motivos são diversos, portanto compreendi que precisava me conciliar com os hiatos e prosseguir com as investigações.

Dito isto, o trabalho desenvolvido aqui foi me autorizar e me permitir se afetar pelo campo como Favret-Saada (2005) elucida em seu trabalho etnográfico. A postura adotada foi delimitar conceitualmente o tema e permitir experienciar o campo, evitar um dirigismo teórico antecipado e assumir uma postura sensível ao desdobramento empírico. O desafio compartilhado por diversos pesquisadores, é ter cautela em não reificar precocemente conceitos que não foram demonstrados pelo campo. Nesse sentido, foi um período marcado por produção de angústias e foi necessário navegar em meio à neblina.

2. Mobilidades e Memória em Movimento

“Eu passaria a vida a indagar sobre a função da lembrança que não é oposto do esquecimento, mas seu avesso. Nós não lembramos, nós recriamos a memória, como recriamos a história.”

Chris Marker, Sans Soleil.

2.1 Permanências: Uma Outra Face das Mobilidades

O capítulo a seguir aborda uma articulação conceitual entre migração e deslocamentos, memória e moralidades, e explora como esses fenômenos se relacionam no universo da mobilidade. No início do texto, é afirmado que o processo migratório não se limita apenas ao plano espacial, mas também pode ser compreendido como um deslocamento a nível social e subjetivo, resultado das diversas motivações para o movimento.

Dito isto, nos deparamos com uma questão: se a migração não se restringe apenas a uma transferência geográfica, mas envolve um processo de deslocamento contínuo, será que todo deslocamento é manifestado apenas sob a perspectiva da migração? Esta é uma das inquietações as quais proponho responder.

Esta é uma dimensão produtiva importante, pois se considerarmos que a migração consiste em uma reunião de deslocamentos, é fato que existem diversas modalidades de trânsito sendo realizadas pelos atores envolvidos. Neste capítulo, meu objetivo é apresentar os dados coletados em campo, que demonstram a capacidade de deslocamento não apenas no âmbito espacial, mas também nas esferas geracionais e socioeconômicas.

Assim, como pesquisadora, meu propósito é registrar os diversos deslocamentos acionados em um campo atravessado pelas especificidades de uma favela carioca que experimentou um visível crescimento econômico e uma expressiva mobilidade social, além de conviver com a violência miliciana. É necessário registrar que o principal objetivo deste trabalho é desenvolver a compreensão de como os sujeitos interpretam essas transformações.

A organização deste capítulo seguiu os seguintes critérios: na primeira parte, desenvolvo com mais detalhes sobre a abertura de campo e como a partir destes encontros se transformaram em temas de investigação; na segunda parte discorro sobre o fato de que a migração é uma produção social de deslocamentos; posteriormente, desenvolvo os

deslocamentos observados nas esferas espaciais, geracionais e metodológicas. Na terceira etapa, defendo a dimensão paradoxal dos deslocamentos, refletindo desde os motivos materiais até os desejos subjetivos. No quarto tópico, argumento que a memória é um elemento em estado de ação, em movimento, reconciliando leituras entre passado e presente. Por fim, abordo a questão da gestão de respeitabilidades e produção de moralidades em um território marcado pela pujança do mercado local e pela violência miliciana.

Parte deste capítulo planeja abordar as dualidades que acompanham esta pesquisa, será que todo movimento gera deslocamento? E será que todas as permanências são estáticas ou podem ser móveis? Portanto, partindo desse pressuposto proponho apontar que as fronteiras se transferem pois tratam de relações sociais, a intenção aqui é se afastar de um quadro epistemológico que simplifica fenômenos complexos a uma leitura dicotômica.

Nessa intenção de se afastar de uma interpretação hermética a proposta da pesquisa é contribuir para a reflexão sobre o fenômeno da migração, realçando a ótica do deslocamento como potencializador de sociabilidades (COMERFORD, 2014). Ou seja, o ato de migrar demanda necessariamente de vínculos para que esta travessia de percurso seja possível.

O conceito de sociabilidades se refere à capacidade dos sujeitos criarem associações, vínculos sociais, ou seja, a possibilidade de ações que os indivíduos podem descartar e/ou sustentar em seus atos. As dinâmicas sociais na modernidade se complexificam, dessa forma os sujeitos podem produzir interações por meio de associações e o espaço afeta essas percepções, a metrópole oferece múltiplos estímulos que nos afetam (SIMMEL, 1950).

A escolha em adotar a categoria deslocamentos teve como inspiração teórica trabalhos realizados por uma geração de pesquisadores que investigaram processos migratórios (PALMEIRA, 1977; LEITE LOPES, 2013; HERÉDIA, 1979; WEITZMAN, 2016; GUEDES, 2013; RUMSTAIN, 2009; DAINESE, 2014). O emprego conceitual do termo deslocamento se baseia na capacidade de demonstrar um fenômeno inacabado, um deslocar a nível espacial e social. Uma disponibilidade subjetiva de travar negociações avaliando as aberturas e dobraduras morais.

2.2 Aberturas e Dobraduras do Trabalho de Campo

Após um tempo mapeando os principais circuitos do campo compreendi que detinha as principais informações e que poderia ocupar outro lugar investigativo. De acordo com as recomendações das orientadoras e após ter estabelecido uma rede com estes jovens estudantes seria importante procurar centros de convivência, como um pré-vestibular social, igrejas ou grupos com ação social. Seria importante construir vínculos em espaços coletivos.

Durante as conversas preliminares realizadas na favela, pude perceber um elemento marcante na organização da vida social: a transversalidade das moralidades (COMERFORD, 2014). A partir das falas dos meus interlocutores, pude constatar que a vida cotidiana na favela é mediada por uma cartografia moral diversificada e complexa. No entanto, cabe destacar que essa noção de moralidade não se restringe ao ambiente religioso, mas atravessa as diversas esferas da vida dos moradores.

Portanto continuei rastrear as pistas analíticas das relações sociais constituídas na favela, adotei uma abordagem metodológica que incluiu a visita a espaços religiosos, contudo não se limitava a eles. O redirecionamento de campo foi baseado no fato destes ambientes promoverem encontros com regularidade semanal o que favoreceu o contato com os moradores. Essa abordagem permitiu a ampliação do olhar para além do ambiente religioso e a compreensão das diversas manifestações sociais.

Antes de descrever as categorias operantes, cujo objetivo é apresentar as operações sociais manifestadas na realidade analisada, é relevante contextualizar os encontros que tive com meus interlocutores. Por exemplo, no segundo encontro caminhava entre as vielas do bairro e o Marcelo sugeriu que fôssemos ao bar de um amigo de infância. E assim que chegamos ao estabelecimento percebo meu interlocutor comentando “Ligeirinho, essa era amiga da PUC que comentei contigo.” Pela fala conclui que o Marcelo estava disponível em contribuir com a expansão da rede.

Nessa ocasião ocorreu um diálogo que se mostrou bastante marcante. Perguntei ao pai do “Ligeirinho” sobre sua chegada em Rio das Pedras, e ao narrar sua trajetória dois temas são mencionados com frequência: a ocupação da Areinha, movimento que garantiu seu primeiro lote e o surgimento da “polícia mineira”. Durante o compartilhamento de suas memórias, observei que a menção à “polícia mineira” era especialmente expressiva. Esse relato me levou a refletir sobre dois ângulos a força narrativa da memória e a especificidade do território estudado.

Seu Salvador chegou ao Rio de Janeiro em 1987 e logo se envolveu com o processo de ocupação de terras, em seguida o pedaço de terra se tornou um de seus primeiros imóveis. Com frequência, encontramos moradores daquela época que, após participarem desse tipo de luta por moradia, conquistaram mais de um terreno na favela, transformando esses espaços em mercearias ou em geração de renda por meio de aluguéis. Segundo o relato do meu interlocutor, ele passou dias a fio morando em um barraco de lona, aguardando até conquistar a documentação da posse da terra.

O relato em questão apresenta alguns elementos que merecem ser analisados cautelosamente. Primeiramente, Seu Salvador, se refere ao surgimento da polícia mineira, composta por trabalhadores comuns como porteiros, bombeiros, pedreiros que atuavam na manutenção da ordem no bairro. Cabe acrescentar, nesse período a favela atravessa um intenso processo de ocupações por moradia o que me fez refletir sobre a necessidade da ordem como uma forma de evitar mais criminalizações. Este episódio voltará em diversos momentos do texto e será aprofundado no terceiro capítulo.

A partir dessa interação observei episódios de vida sendo narrados e situados por meio de marcos sociais violentos. Mas o que chamou atenção foi perceber que o interlocutor utilizou o dispositivo da violência como recurso narrativo, uma forma de demarcar tempo-espaço das relações sociais. Contudo, é importante destacar que, ao falarmos sobre memórias inscritas em um processo de violência, é preciso estar atento aos silêncios, pois o silêncio comunica, assim como destaca Pollak (1989) sobre lembranças traumatizantes. Este tópico conceitual será desenvolvido no terceiro capítulo da dissertação.

Nesta situação deparei que a categoria memória operava na atribuição de sentido entre passado e presente. O presente é um estilhaço de memórias, ou seja, um desejo em organizar os afetos das experiências vividas por meio das palavras. Outro aspecto importante em mencionar, como a memória de acontecimentos gerais se entrelaçam com a memória biográfica, existe um certo tipo de resgate mnemônico dos eventos históricos relacionando-os aos momentos da trajetória pessoal⁵. Nesse sentido segue a citação de Halbwachs (1990):

“Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem

⁵ Annie Ernaux autora reconhecida por produzir livros que possuem um tipo de escrita denominada autossociobiografia que relaciona momentos históricos gerais aos seus dramas da vida pessoal.

frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade” (HALBWACHS, 1990, p.54)

O potencial heurístico da memória corresponde ao fato de conectar os dois momentos temporais em que o sujeito consegue mobilizar: o passado e presente. É a partir deste intervalo temporal que as interpretações são produzidas numa expectativa em qualificar o presente. A ponte narrativa presente-passado-presente é um recurso que revela a capacidade de construção de representações. E assim o desejo pelo futuro se manifesta em cenários possíveis por meio da capacidade em imaginar, fantasiar, projetar e isso é possível quando se compreende a própria localização moral.

Segundo Pollak (1989) o exercício em recuperar uma lembrança e a reconstrução de eventos passados tende a produzir no sujeito uma interpretação sobre seu lugar social e suas relações com o outro. A expectativa em qualificar o presente é proveniente da leitura da inscrição moral que o sujeito compreende sobre si e sobre o outro. É possível afirmar que a memória dispõe de um procedimento marcado pela alteridade, pela diferença entre ontem e hoje, o indivíduo e o coletivo.

Outra aliada de campo foi a Roberta, uma jovem formada em comunicação social e atua como redatora de um jornal comunitário. O primeiro contato estabelecido foi realizado por meio de uma reunião virtual, seguiu a apresentação padrão e construí um breve roteiro semi-estruturado de entrevista. A conversa desabrochou e Roberta compartilhou a história da chegada de sua avó em Rio das Pedras. Durante a prosa ela mencionou sobre um trabalho acadêmico que relacionava o surgimento histórico da comunidade com as memórias dos moradores.

No encontro presencial Roberta levou seu HD digital para mostrar na íntegra as entrevistas realizadas. Parte desse material foi coletado através de familiares e amigos. Houve uma entrevista em particular que me chamou atenção, um casal na faixa etária dos quarenta anos, ela do Ceará e ele de Pernambuco, contando as motivações que os fizeram se deslocar. Roberta fez a seguinte pergunta “Se você pudesse mudar alguma coisa na sua vida, qual seria? *Não teria vindo*. Por mais que eu goste daqui eu gosto mais de lá. Então por que veio? Vim para conhecer e casar com ela” finalizou a fala e abraçou a esposa.

A resposta “*não teria vindo*” ficou ecoando em meus pensamentos. Se o entrevistado pudesse mudar algo em sua vida, preferiria não ter vindo para o Rio de Janeiro. Precisei de um tempo para digerir essa informação. Este dado me marcou pois

joga luz para a inquietação central da pesquisa, a parte mais difícil da migração não se refere ao deslocamento espacial, mas sustentar as elaborações que justifiquem a permanência. É produzir sentidos na permanência do deslocamento. Soa como uma aparente contradição, mas não, pois me refiro sobre a insistência em criar significados em um novo território.

A ação realizada no passado demanda ser reafirmada cotidianamente, por isso me interessa analisar os possíveis sentimentos relacionados ao ato do deslocamento. Relembro-me da reflexão do Sayad (1998) “O Pecado da Ausência ou os Efeitos da Emigração”, cabe citar:

“Por mais justificada que seja a emigração, ou seja a ausência é importante justificá-la permanentemente e justificá-la tanto mais fortemente quanto mais se prolonga indefinidamente e tende a transmutar-se em separação radical, ela permanece sempre suspeita.”
(SAYAD, 1998, p. 109)

A importância analítica do relato acima é observar o inacabamento das angústias, e as reconciliações possíveis com as ausências (SAYAD, 1998). Quando o entrevistado responde que preferiria ter ficado lá, esta afirmação revela que algumas incertezas o acompanham. O fenômeno do deslocamento migratório é também um deslocamento subjetivo e social, que o sujeito está lidando constantemente com as forças das circunstâncias e negociando suas expectativas morais (SÁ, 2014; COMERFORD, 2014).

O aprofundamento com o trabalho empírico, em específico a análise de trajetórias me colocou em contato com a potência reveladora do campo. Durante o caminhar na neblina identifiquei que não deveria ir a campo com as pretensões conceituais fechadas. Pois foi após esses encontros que as categorias centrais e os temas transversais foram tomando contorno. A experiência a seguir narra os desafios teóricos em concatenar o escopo conceitual com as demonstrações de campo.

Empenhada em continuar a expandir a rede de interlocutores estabeleci contato com Eva, outra estudante universitária que “rasga o trecho”⁶ urbano para dar conta de duas faculdades. Um elemento verificado neste e nos demais encontros, é a visível

⁶ Referência ao trabalho de André Dumans (2013)

disponibilidade em colaborar, por exemplo narrando episódios de vida, caminhando pela favela ou apresentando outros contatos. Eva foi uma aliada importante, foi a ponte que me aproximou de uma importante interlocutora. Foi a partir deste novo contato que me senti incentivada a visitar um espaço religioso que ela participava como membro ativa.

Há algum tempo, eu suspeitava que a compreensão das moralidades poderia se revelar como um recurso interpretativo relevante. Essa percepção foi se consolidando, especialmente após o meu encontro com Roberta. Durante as histórias familiares que ela compartilhou, ficou evidente que o tema da religiosidade estava sempre presente, mas o a trama principal era baseada em competir por respeito e reconhecimento. Por outro lado, quando conversei com Eva, ela afirmou que a construção das moralidades estava diretamente relacionada à regulamentação do comportamento promovida pelos grupos milicianos.

Os dados coletados até aqui contribuíram para a elaboração da próxima etapa metodológica, portanto compreender a igreja como um espaço de encontros sociais de modo que essa troca poderia atualizar localizações morais. Nesse sentido, perguntei a Eva se havia a possibilidade em me colocar em contato com uma pessoa próxima ao ambiente religioso. Semanas depois fui apresentada à Otília.

As visitas às reuniões religiosas me aproximaram de uma riquíssima rede de convívio. Comecei acompanhar diálogos sobre a noção de pertencimento à uma identidade espiritual e as posturas simbólicas que os fiéis deveriam sustentar neste território. Durante os encontros os sujeitos compartilhavam as inquietações pessoais e o próprio coletivo produzia reflexões ajudando compreender os dilemas postos. No geral, as reflexões eram mediadas por negociações morais em sustentar uma boa reputação e perseguir a satisfação pessoal.

Em certo domingo recebi um jornal cuja matéria se referia a mãe da minha nova interlocutora, exibindo a manchete da primeira costureira mulher de redes de pesca em Rio das Pedras. O conteúdo jornalístico era de 1999 e foi entregue envelopado num saco plástico protetor. Compreendi que não era apenas um material jornalístico, mas um documento familiar que estava sendo compartilhado, sinal de que os sentimentos de confiança estavam se avizinando.



TALITA FIGUEIREDO

As mãos ágeis da paraibana puxam o fio de náilon rapidamente para a confecção da tarrafa. Única filha mulher, Maria da Penha Carvalho, 59 anos, quando era menina fazia as redes para os seis irmãos pescarem e assim também ajudava no sustento da família. São quase cinquenta anos na profissão que a trouxeram de João Pessoa para a favela de Rio das Pedras, em Jacarepaguá. Ali ela criou os sete filhos e ficou conhecida como artesã. “Quando cheguei ao Rio, há 38 anos, apenas dois homens faziam tarrafa e em pouco tempo as pessoas começaram a me procurar. Já fiz rede para várias lojas da cidade e até para Cabo Frio”, conta ela.

Mas Dona Penha é apenas uma das representantes do Nordeste que vieram para a Rio das Pedras buscando sustento através de sua arte. Todos concordam que lá, seja na Paraíba, em Pernambuco ou no Ceará, os produtos feitos à mão não têm o valor que merecem.

Figura 02 - Jornal O Dia 1999. Dado coletado em campo pela pesquisadora.

O artigo acima menciona a mãe da interlocutora que na época trabalhava confeccionando redes de pesca. É interessante observar como o texto jornalístico destaca o protagonismo feminino e a autonomia financeira que essa atividade proporcionava para a família. Nas palavras da entrevistada, também é perceptível o orgulho do alcance de seu empreendimento. Vale ressaltar que, nesta pesquisa, a participação das mulheres foi se demonstrando relevante, embora o tema de gênero seja uma abordagem conceitual importante, mas devido às limitações de tempo, nesse momento não foi possível desenvolver essa perspectiva de forma mais aprofundada.

2.3 Deslocamentos e a Maternidade - Um Sistema de Representação de Autorizações

No início dos anos 1960 aos 19 anos Dona Carmen desembarcou no Rio de Janeiro, vindo de ônibus que realizava o ponto final no Hotel Glória no bairro do Catete. Segundo o relato, havia tomado a decisão de deixar João Pessoa, sua cidade natal, em busca de uma vida melhor. O encontro que tive com Dona Carmen ocorreu na casa de

Otília sua filha, e combinamos um café da tarde para que eu pudesse conhecê-la melhor. Durante o diálogo, conduzi a conversa na intenção de obter mais detalhes sobre sua decisão de partir.

Ao questioná-la sobre os motivos que a levaram a deixar João Pessoa, Dona Carmen explicou que a cidade era muito pobre, e na região onde morava as casas eram bem simples de chão de terra batido, paredes de barro, telhados de palha e portas apoiadas. Dona Carmen afirmou que “não se conformava com a miséria” que presenciava no local, e sentiu uma profunda vontade em transformar sua vida.

Após desembarcar na calçada do hotel, Dona Carmen esperava encontrar uma amiga que a aguardava, mas, infelizmente, isso não aconteceu. Mesmo assim, ela não se abateu e decidiu agir rapidamente, então foi caminhando até a rua Sete de Setembro, determinada a encontrar uma agência de empregos, pois como afirma “tudo que queria era trabalhar”.

Decidi abrir o capítulo com a história de Dona Carmen pois queria compreender os elementos sociológicos que fundamentam essa determinação em buscar uma vida melhor, mesmo diante de desafios e incertezas. Sua decisão de deixar sua cidade natal reflete o desejo de superar a miséria que a cercava, e viu essa oportunidade vindo para o Rio de Janeiro para buscar o trabalho. Mas atenção, o trabalho é o primeiro nó causal dessa motivação não é uma totalidade explicativa.

As duas expressões mencionadas - "não me conformava com a miséria" e "tudo o que queria era trabalhar" - chamaram minha atenção, pois evidenciam o desgosto de Carmen com sua situação material, portanto desse modo torna-se necessária aprofundar a análise dessas informações. Inicialmente, sua fala revela uma clara insatisfação diante das difíceis condições em que vivia. Apesar das adversidades enfrentadas em relação à moradia e ao seu papel de gênero, Carmen demonstrava uma postura determinada e assertiva. No entanto, é importante destacar que sua decisão de partir não se resumia apenas à busca por melhores condições de vida para si mesma.

Ao aprofundar a investigação, percebi que o principal motivo que a impulsionou a deixar seu local de origem foi o desejo de proporcionar um futuro melhor para seu primogênito, como a própria revelou. Carmen estava determinada a oferecer oportunidades mais promissoras para a vida de seu filho. Essa motivação revela um desejo de uma mãe que almejava dar ao seu filho as chances que ela mesma não teve, provavelmente ansiando romper com um ciclo de reprodução da pobreza.

Portanto, a análise dessas expressões não se limitam apenas à insatisfação de Carmen com suas próprias condições de vida, mas também abrange a dimensão do seu papel de mãe e o desejo em proporcionar um futuro mais confortável para sua família. A busca por melhores oportunidades de vida reflete, assim, uma reunião de qualidades desenvolvidas pelo sujeito a fim de perseguir seus desejos. A história de Carmen ganha outro contorno relevante quando entendermos que sua partida não foi apenas uma recusa das dificuldades presentes, mas uma busca ativa por um horizonte mais promissor, que começa em si, mas não se encerra em si mesma, é preciso do outro para se realizar.

Neste trabalho o desafio analítico foi analisar os imperativos da organização da vida social econômica e compreender quais são as estratégias na busca do sentimento de pertencimento e como são tecidas em um novo território. Afrânio Garcia Jr (1989) destaca que em 1969 só São Paulo e Rio de Janeiro concentravam 65% dos empregos industriais e 58% em áreas ligadas ao setor de comércio e serviços. Neste período o fluxo migratório que se estabeleceu apontava para tendência do deslocamento tendo a motivação de cenários trabalhistas melhores, como uma maior formalização de vínculo e remunerações mais satisfatórias. Contudo, nas décadas seguintes, as relações de trabalho foram se transformando rapidamente pauta que será desenvolvida no capítulo três.

Dentro dos estudos sobre migração, o aspecto do trabalho dispõe de uma importante chave explicativa sobre o fenômeno. Muitos autores brasileiros se debruçaram em investigar a relação do deslocamento com o alvorecer industrial sudestino e as oportunidades materiais suscitadas nesse período. Um autor que desenvolve essa tensão analítica é Afrânio Raul Garcia Jr (1989) e sugere que existem outras elaborações em curso na motivação do deslocamento para além do aspecto do trabalho. Importante registrar o seguinte trecho:

“Ora se a relação estabelecida entre as migrações e o desenvolvimento industrial não é falsa, ela é claramente insuficiente para explicar tais fluxos migratórios. A análise de trajetórias individuais e familiares revela a existência nessa região do nordeste, de migrantes que se tornaram operários ou empregados urbanos no sudeste, mas também a presença de indivíduos que conquistaram ou reproduziram a condição camponesa graças a uma passagem temporário pelo mercado de trabalho industrial. Por conseguinte, nunca se chega questionar sobre os efeitos múltiplos dos deslocamentos, tanto sobre os que partem como

sobre os que ficam, e sobre as relações que uns e outros mantêm com o espaço social de origem.” (GARCIA JÚNIOR, 1989, p. 13)

O argumento destacado é que a migração se apresenta para além de um deslocamento espacial, é uma reunião de posturas socialmente localizadas. Nesse sentido a mobilidade se manifesta na relação com as condições materiais disposicionadas, contudo cumpre salientar que a demanda ocupacional não pretende esgotar as elaborações sociais deste percurso. Ter em perspectiva, que a chave do trabalho se apresenta como um quadro indicativo de motivações de elos sociais.

Na trajetória de Dona Carmen, seu primeiro trabalho foi como "funcionária de uma família", exercendo funções como limpar a casa, cozinhar e cuidar das crianças. Ela menciona que economizava no aluguel, pois dormia no local de trabalho, e parte dessa economia era enviada para sua família em sua cidade natal. Nessa época, seu primeiro filho estava aos cuidados de familiares, e seu grande desejo era trazê-lo para morar com ela no Rio de Janeiro. É importante observar que, apesar das estruturas coloniais e desigualdades de poder presentes no vínculo empregatício como empregada doméstica, foi esse trabalho que possibilitou a formação de uma reserva financeira mais significativa para Dona Carmen.

A perspectiva sociológica nos oferece outras interpretações para além de “migrou para trabalhar”, a discussão não se encerra aí, pelo contrário é o ponto de partida, além do trabalho quais foram as motivações que os fizeram migrar? O limite em apontar a questão do mercado de trabalho como única hipótese do deslocamento expõe uma linearidade interpretativa. Portanto, considerando as especificidades do campo, as relações sociais em Rio das Pedras apresentam a manifestação do deslocamento como castração ou fúria do movimento? ⁷ Essas são umas das inquietações as quais pretendo analisar.

⁷ Palmeiras Selvagens de William Faulkner (1939) romancista conhecido por recorrer ao pano de fundo do processo de escravização nos Estados Unidos e a decadência das famílias burguesas após queda da bolsa de Nova Iorque. A possível aproximação entre as tramas e o trabalho desenvolvido é refletir como os sujeitos lidam com as próprias misérias humanas? A indagação principal é analisar se todo o desejo pelo deslocamento revela uma fúria ou uma castração do movimento? Será possível o fenômeno do movimento se transformar em cativo? Essa são uma das indagações as quais me propôs elaborar.

Inicialmente, destaquei que a migração consiste em uma série de deslocamentos realizados no plano espacial e no campo subjetivo-afetivo, de forma que envolve uma disposição de expectativas relacionadas a conquistas materiais e pessoais. Em seu relato, Carmen menciona com muito carinho sobre seu primeiro filho, e é possível identificar esse sentimento ao observar o intenso comprometimento em trazê-lo para perto. Tendo isso em perspectiva, compreendo que a análise dos dados revela que a busca pelo trabalho formal, na realidade, expressa o desejo em criar cenários e oferecer outros horizontes de futuro para o filho.

Essa associação entre migração e anseios subjetivos é relevante, pois nos leva a compreender que as decisões de migrar não se restringem apenas à busca por oportunidades econômicas, mas também são influenciadas pelo desejo de proporcionar melhores condições de vida para si e para seus descendentes. No âmbito sociológico, essa perspectiva mais ampla da migração como um fenômeno que abarca tanto aspectos materiais quanto subjetivos é fundamental para entendermos as motivações e os desdobramentos desse processo de deslocamento migratório na sociedade. Por isso, neste trabalho consideramos tanto as razões objetivas quanto os sentimentos e desejos produzidos pelos sujeitos.

Importante destacar que, a partir do registro do deslocamento para o Rio de Janeiro, Carmen associa o desejo de migrar à experiência da maternidade. O trabalho etnográfico de Dumans (2013) aborda uma dimensão criativa entre mobilidade e vínculos maternos, de forma que a figura materna é frequentemente carregada de representações como estabilização em meio a um mundo impiedoso, porém encantador. Cabe resgatar o seguinte trecho:

"O mundo (...) enquanto fundamento da cosmologia que aqui esboço, ele remete ao turbilhão de movimentos marcados pelo rebuliço, pela instabilidade, pela incerteza e pela pura diferença. Talvez por isso ele assuste e encante ao mesmo tempo, e com tanta intensidade. Conhecer ou encarar o mundo é cair na realidade, é encarar a vida; e é dar-se conta do que há de contingente e provisório no lar e na família. É no mundo - longe de casa, no trecho - que o mundo - a vida, a realidade - se revela em toda a sua plenitude. Este mundo é, assim, um lugar perigoso e traiçoeiro, mas também fascinante e repleto de possibilidades." (DUMANS, 2013, p. 222)

Essas discussões sobre o tema me conduziram à seguinte reflexão: a concepção figurativa da mãe é frequentemente representada como um espaço de estabilização, de segurança em meio aos reveses das andanças. E ao mesmo tempo um lugar que produz autorizações e afirmações (WEITZMAN, 2016), no caso de Carmen ter tido seu filho foi uma demonstração de autorização e legitimação dos deslocamentos acionados tanto na esfera geográfica quanto no papel de gênero, já que precisou lidar com várias críticas familiares. Nesse sentido, a representação da maternidade torna-se um fator importante na compreensão da trajetória de Carmen e para o fenômeno da migração, pois lança luz sobre as diversas dimensões emocionais e afetivas que influenciam as decisões do deslocar.

Considerando as contribuições dos estudos de Dumans (2013) e Weitzman (2016), é possível estabelecer conexões entre os contextos migratórios e os laços maternos. Ao aproximar estas referências para o trabalho desenvolvido aqui concluímos como as representações maternas inspiram lugar de segurança, estabilidade e autoridade, aspectos que se entrelaçam com os desejos de migrar e assim produzindo novas sociabilidades.

2.4 Deslocamentos Migratórios, Geracionais e Metodológicos

Era um dia quente de novembro quando, na companhia de Otília e dona Carmen, tomávamos café da tarde aproveitei a oportunidade para explicar os detalhes da pesquisa e meu interesse em compreender os deslocamentos migratórios. Em certo momento, mencionei que tinha lido sobre uma linha de ônibus que conectava os estados do nordeste a uma pracinha em Rio das Pedras (TELLES, 2016). Em tom exclamativo, Otília disse: “Existe até hoje. Toda quinta-feira parte um ônibus carregado de gente”.

Após ouvir esse comentário, lembrei-me de uma conversa que tive algumas semanas atrás, que ia de encontro a essa afirmação. Era um domingo, e eu tinha combinado de visitar uma reunião religiosa na igreja de Otília, para aguardar o horário combinado, decidi parar em uma padaria e pedir um café. Aproveitei para trocar algumas palavras com a jovem atendente e solicitei informações sobre a localização da igreja. Com delicadeza, mas de forma assertiva, ela me respondeu: “Moça, eu não sei nada daqui. Acabei de chegar”. Essa afirmação chamou minha atenção.

A importância analítica de resgatar esses dados reside na manifestação atual e contínua dos deslocamentos migratórios. Conforme sistematizei as informações do campo, compreendi que, a partir do interesse dos deslocamentos migratórios, havia outros tipos de deslocamentos em andamento, como os geracionais, educacionais e socioeconômicos. Se no início eu me dedicava analisar a primeira leva de imigrantes, o campo me apresentou uma nova questão: a relação da juventude (sejam filhos, netos ou descendentes desses primeiros moradores) com o território da favela.

Essa descoberta ampliou o escopo da pesquisa, levando-me a explorar as dinâmicas familiares e geracionais que moldam as experiências dos moradores da favela ao longo do tempo. A relação entre o passado migratório e a atual vivência dos jovens no território revela conexões importantes interações sociais sobre a história da comunidade e as aspirações e desafios enfrentados por essas novas gerações.

Essa nova perspectiva traz um olhar mais abrangente sobre as dinâmicas sociais, permitindo uma compreensão mais ampla dos deslocamentos migratórios não apenas para as primeiras gerações de moradores, mas também nas relações familiares e na produção de identidades de jovens que vivenciam a realidade em um território em constante transformação.

Aqui, a variável geracional se apresenta por meio do elemento da tensão, à medida que esses sujeitos começam a lidar com a questão do reconhecimento e pertencimento territorial. Por exemplo como os jovens buscam realizar-se profissionalmente, academicamente e subjetivamente, "dobrando" a cidade em busca de seus objetivos. Os episódios descritos me lembram que os movimentos migratórios continuam ocorrendo nas gerações atuais, e para além da dimensão geográfica, outras mobilidades se manifestam como por exemplo a educacional.

Neste momento do texto, refiro-me aos jovens que foram apoiadores na abertura de campo. O perfil desses jovens pode ser elencado a partir dos seguintes aspectos: eles estão na faixa etária dos 20 aos 30 anos; cursaram o ensino superior; são filhos ou netos de imigrantes; normalmente, os responsáveis conquistaram imóveis próprios, e a família dispõe de uma variedade de fontes de renda, como aluguéis, comércio, entre outros; em algum momento da vida, frequentaram atividades religiosas do bairro.

Essa análise dos jovens apoiadores revela uma conexão entre as gerações, evidenciando como os filhos e netos dos imigrantes continuam a moldar a dinâmica da comunidade ao buscarem mobilidade educacional e profissional. A ampliação das

oportunidades de ensino superior se apresenta como um importante fator na mobilidade social desses jovens, permitindo traçar trajetórias de vida diferentes daquelas de suas gerações anteriores. Além disso, a estabilidade financeira e a diversificação das fontes de renda dentro da família proporcionam um contexto favorável para que esses jovens possam explorar novas oportunidades e apostar em trajetórias profissionais com mais autonomia.

O desafio mais complexo desta pesquisa foi compreender a necessidade de construir um distanciamento metodológico. Havia diversos aspectos que eu compartilhava e me identificava com os interlocutores, como a repetição de trajetórias familiares, o elemento etário e o momento acadêmico, de fato aspectos que nos aproximavam. No entanto, ao mesmo tempo, reconheço que tive dificuldades em ocupar a posição de pesquisadora que buscava construir um material analítico e não pessoal. Percebi que não me sentia à vontade neste lugar, mas decidi investigar cientificamente, e escolhi contar com a generosidade do tempo para elaborar melhor essas questões.

Decerto, a produção de conhecimento é um exercício que se atualiza na prática e não é despida de conflitos e incertezas. Cabe registrar que, mesmo compartilhando diversos elementos de trajetória, sou uma pesquisadora que jamais morou em uma favela no Rio de Janeiro. Portanto, compreendi que estava realizando uma pesquisa qualitativa em situações etnográficas em uma favela carioca, e mesmo não mobilizando a etnografia *stricto sensu*, o desafio e o compromisso foi estabelecer o distanciamento analítico sem perder a capacidade de me afetar pelo campo (SAADA, 2005).

Contudo, é essencial registrar que foi neste entrecruzamento delicado e brutal do conhecimento produzido pela experiência de vida e pela formação tradicional, ou seja, os acúmulos teóricos sensíveis, que me fez adotar uma escuta diligente e cuidadosa com meus aliados. Essa abordagem permitiu sustentar reflexões socialmente mais assertivas, pois é assim que se produz um diálogo entre a experiência subjetiva e a abordagem teórica. Foi ao reconhecer os meus limites e me abrir para a complexidade do campo, priorizar e valorizar as vozes dos aliados que tornaram possível construir esse trabalho dissertativo.

2.5 Memória e Pecado Original da Migração: Solidão e Solicitude

Nesta etapa possuo a expectativa de investigar como foram construídas as elaborações em torno do ato em permanecer num território novo, e o papel da memória nesse

fenômeno social. Tendo em vista os afetos desenvolvidos durante este trânsito, pretendo analisar os certames morais entre a solidão e solicitude.

Tendo em vista a produção de sentimentos gerados, pretendo rastrear por meio da memória as elaborações de trajetória de vida do migrante. Nesse sentido, a memória assume uma dupla condição, metodológica e analítica, porque é nesse exercício em recontar a própria história que o sujeito vai imprimindo percepções em relação ao próprio espaço e ao tempo decorrido. Portanto a fala organiza eventos passados e são produzidas narrativas em torno de acontecimentos vividos, criando enredos que justificam os deslocamentos. A seguir um trecho que inspirou esta reflexão:

“Basta que aconteça um acidente de percurso, um leve desvio nos comportamentos, para que surja o sentimento da culpa de pecado original, consubstancial ao ato de emigrar. (...) Depois veio uma série de desencantos, ou seja, a dissipação de todas as ilusões que contribuíam para dar sentido a uma situação que, reduzida à sua verdade nua, não poderia ser inteligível ou suportável; e sem dúvida não podia ser suportável, fosse qual fosse o ponto de vista, por não conseguir adotar um sentido, por não conseguir ser suportável intelectualmente. A não ser que reinvestisse constantemente o sentido.”
(SAYAD, 1998, p. 112)

O salto heurístico da categoria memória corresponde ao fato de elaborar interpretações do passado e produzir chaves de compreensão sobre o presente, atribuindo sentido à sua localização como sujeito histórico. Segundo Pollak (1989) o exercício de recuperar uma lembrança e a reconstrução de eventos passados tende a produzir no sujeito uma interpretação sobre seu lugar social e suas relações com o outro.

Dessa forma, a memória é o fio condutor da manifestação de produção de sentidos e significados para o ato de migrar. Sob essa perspectiva o exercício de recuperar uma experiência vivida no passado se altera a cada momento que é recontada. No momento em que o sujeito resgata antigas lembranças e sentimentos é também quando produz elaborações e afirmações sobre o presente. A autora Weitzman (2014) inspirada pela obra de Barth (2000), diz:

“Para o autor, a relação com memória não é estática e as pessoas lembram e relembam o que foi vivido a partir do lugar que estejam ocupando em um determinado momento. A decorrência lógica desta

posição é que ‘os atos permanecem sempre contestáveis e seu significado pode ser reescrito’ (p. 176). Da mesma forma, pode-se deduzir que as expressões emocionais também são bastante variáveis e flutuantes, o que é vivido no plano afetivo é condicionado pelos jogos de memória com o tempo.” (WEITZMAN, 2014, p. 212)

Otília me recebeu na área externa do prédio, me abraçou e rapidamente me convidou para entrar no apartamento. O imóvel se localizava no andar térreo, possuía amplas janelas e um espaço confortável na sala. Assim que entrei, percebi uma generosa mesa de café com bolo de milho, pães e frios. Eu e Otília conversávamos sobre amenidades do cotidiano, me sentei no sofá e abri meu caderno para tomar notas. Após alguns minutos, veio uma senhora com vestido azul floral e um sorriso aberto, me cumprimentando: “Então é você que anda estudando sobre Rio das Pedras?”

Atualmente Dona Carmen tem oitenta e três anos, e foi no ano de 1958 quando chegou ao Rio de Janeiro em busca de trabalho. Como foi registrado anteriormente Dona Carmen trabalhou em diversas casas de família e entre os desafios do trabalho enfrentados ela frisou: “precisava trabalhar para mandar dinheiro para meu filho que ficou lá e para minha mãe é claro”. Nesse sentido, é possível observar que a obstinação em busca do trabalho revelava também um cálculo familiar e afetivo. Carmen, estava determinada a oferecer melhores condições materiais de existência para o filho e simultaneamente elaborava as condições socioafetivas para permanecer.

Na obra de Abdelmalek Sayad (1998) é apresentado relatos dos itinerários de vida de imigrantes argelinos na França e discorre sobre alguns sentimentos compartilhados pelos indivíduos que encaram esta jornada. No capítulo cinco, intitulado "O Pecado da Ausência ou os Efeitos da Emigração", ele descreve a trajetória de um interlocutor que estava há quinze anos em uma empresa e esperava ser remanejado para um setor mais prestigiado, mas foi alocado para o serviço de limpeza. Segundo o autor, o interlocutor era "incontestavelmente melancólico" (SAYAD, 1998). No entanto, o trecho a seguir me inspirou levantar uma hipótese dos trânsitos afetivos:

“A melancolia, esse olhar que, quando se dirige ao outro, está sempre voltado para si mesmo, faz com que ‘só estamos aqui para o outro’ – protótipo da *solidão* e da *solicitude*. Mesmo um grupo mais unido dos

amigos íntimos e dos familiares, e talvez este segundo grupo prioritariamente (o grupo cônjuge, filhos, pais, irmãos etc.) não baste para proteger da solidão.” (SAYAD, 1998)

No início da pesquisa eu apostava no sentimento da angústia como uma consequência afetiva do deslocamento, contudo o campo me apresentou outros desdobramentos subjetivos. Quando Carmen apresentou suas justificativas para emigrar momento algum é demonstrado sentimentos de melancolia, pelo contrário é observado uma postura afirmativa e convicta em transformar o futuro do filho primogênito. Evidentemente não seria razoável afirmar que em nenhum momento da sua trajetória Carmen não se sentiu triste, mas de acordo com sua fala é possível concluir que nem sempre os episódios de solidão são exclusivamente acompanhados pelo afeto da angústia. O dado revela que existem outras formas de experienciar o estado de estar só.

A associação do trecho “estamos aqui para o outro”, em conjunto com a motivação de Dona Carmen, revela uma tensão paradoxal da migração. O ato do deslocamento é uma reunião de escolhas elaboradas socialmente, e no caso citado, a interlocutora enxerga na maternidade uma força legítima para o movimento, sendo o filho a fundamentação do deslocamento e a busca pelo trabalho. É interessante analisar que o deslocamento se manifesta a partir da localização do sujeito em relação ao outro, ou seja, é um ato relacional e social, uma dinâmica que demanda alteridade para se realizar.

2.6 Memória em Movimento

A princípio, esta pesquisa estabeleceu o deslocamento migratório em posição de destaque como fenômeno social a ser analisado, pois compreendo que tal manifestação abriria caminho para demais chaves conceituais. Como foi mencionado, privilegiei a afetação pelo campo e decidi assumir uma observação sensível aos dados qualitativos. À medida que a pesquisa aprofundava, percebia que a memória se apresentava como uma categoria inescapável, e por isso, planejo discorrer como suas manifestações apareceram no decorrer do trabalho de campo. Ao focar o deslocamento migratório como um aspecto central da pesquisa, busquei compreender suas múltiplas dimensões e implicações sociais. Outro aspecto relevante que emergiu durante o trabalho de campo foi a importância da memória na construção das narrativas dos migrantes. As memórias

individuais e coletivas desempenharam um papel significativo na forma como os sujeitos localizam e se relacionam com a experiência do deslocamento.

Em Rio das Pedras existe um restaurante de comida self-service localizado na esquina da rua velha com a avenida principal onde passam as principais linhas de ônibus, o espaço se tornou um ponto de encontro recorrente com o meu primeiro aliado o Marcelo. Neste dia, enquanto o aguardava eu celebrava silenciosamente o desabrochar do campo. Enquanto eu e Marcelo atualizávamos o outro sobre os desafios dos programas de pós-graduação, em certo momento ele parou e foi verificar o celular e num sobressalto comentou: “você gostaria de conhecer o filho do Toninho?”⁸ fiquei tensa, mas penso que seria uma boa oportunidade para conhecer outras pessoas.

O jovem de físico musculoso, em um tom caloroso, me cumprimenta “Oi, tudo bem? Me chamo Maxwell. Você por acaso é jornalista?” Sorrio e nego a suposição profissional, e me apresento como pesquisadora e explico que estou trabalhando em um projeto sobre a comunidade de Rio das Pedras. Em seguida, ele me faz outra pergunta: “Você quer estudar as milícias daqui?” Recuso a ideia e esclareço que meu objetivo é entender melhor as histórias dos sujeitos que migraram de outros estados para a favela. Maxwell então começou a compartilhar suas lembranças sobre seu pai, sua relação com a comunidade e a política, mas ao chegar na parte da violência, foi mais sucinto em suas descrições. Segundo ele, sua intenção era encontrar um jornalista que pudesse registrar a trajetória de seu pai em um livro ou filme, como mencionou ao final da conversa.

Após um tempo analisando os dados, decidi começar a sistematizar as informações e a elencar as categorias que gostaria de destacar no debate teórico. O exemplo citado anteriormente reforçou a importância da memória como uma poderosa ferramenta narrativa, pois demonstra como a interpretação subjetiva influencia a ideia de

⁸ Toninho é codinome que criei em referência a uma grande liderança miliciana assassinada após a delação da CPI 2008 e entre outras tensões, porém o seu legado político é algo bem presente para o imaginário da comunidade. Portanto para garantir o anonimato do interlocutor alterei o nome de seu pai, a fim de evitar quaisquer constrangimentos.

construção do pertencimento social e territorial. Devo admitir que o episódio descrito foi marcante, pois me fez perceber que não poderia evitar abordar o tema da violência. No entanto, conforme o próprio campo de estudo revelou, a violência tem uma participação na caracterização das relações e dos vínculos com o território, um argumento que será desenvolvido no capítulo três.

Outro aspecto que pude constatar diz respeito à importância da ferramenta metodológica da análise de trajetórias e à forma como esse recurso pode oferecer pistas interessantes sobre o campo onde o pertencimento social e territorial é moldado em meio a disputas. Conforme destacado por Pierre Bourdieu (1986), a história de vida se apresenta como uma descrição narrativa da própria existência, assemelhando-se a um caminho a ser percorrido, uma estrada a ser explorada, repleta de encontros e encruzilhadas, além de possíveis emboscadas. É sobre essa dimensão social que pretendo aprofundar minha análise; meu interesse reside em observar o desenrolar da vida que prioriza o crescimento do movimento (INGOLD, 2012).

Em determinado momento, a narrativa das trajetórias individuais ganhou maior relevância no âmbito da pesquisa, e fui cativada pela abordagem fragmentada e criativa da comunicação. Passei a enxergar a memória como um estilhaço de vidro, de modo que o presente é um estilhaço entre o passado e o futuro, portanto a imprecisão não deveria ser lida como uma falha ou fracasso, mas uma forma de compreensão da vida. Nesse sentido, pude observar que, frequentemente, os eventos narrados não se alinhavam com as datas históricas oficialmente reconhecidas na história da favela. Os critérios para o compartilhamento das memórias eram definidos pela carga emocional que determinado evento possuía no imaginário do indivíduo.

Sob a ótica metodológica selecionada, pude constatar que o artifício de intercalar a descrição dos fatos é empregado por outros intelectuais, por exemplo na literatura do romance moderno. No clássico "Palmeiras Selvagens" de Faulkner (2009), percebe-se a adesão dessa mesma composição narrativa. Nesta obra o autor intercala duas histórias independentes, na primeira narra um episódio de aborto clandestino, onde o jovem casal enfrenta dificuldades materiais e morais após o arrefecer da paixão. No segundo enredo após um período de enchente no Rio Mississipi um velho prisioneiro escapa da prisão, mas se vê imobilizado dentro de uma canoa. Um ponto de relevância para este estudo é que Faulkner entrelaça enredos com histórias independentes, nos quais os personagens não possuem vínculos pessoais e tampouco compartilham qualquer desfecho moral

comum. Bourdieu (1986) menciona outro romance do autor que também mobiliza os mesmos aspectos de estrutura narrativa:

“É significativo que o abandono da estrutura do romance como relato linear tenha coincido com o questionamento da visão da vida como existência dotada de sentido, no duplo sentido de significação e de direção. Essa dupla ruptura, simbolizada pelo romance de Faulkner *O Som e a Fúria*, exprime-se com toda a clareza na definição da vida como anti-história.” (BOURDIEU, 1986, p. 185)

Este trabalho envolve uma abordagem subjetiva da memória, uma vez que reconheço que é por meio dessa ferramenta que o indivíduo ativa uma dupla agência da ação: primeiramente, ao realizar o ato, e, em segundo lugar, ao qualificá-lo de acordo com suas avaliações morais. Conforme Lambek (1995) argumenta, a memória é mais do que um reflexo biológico; é uma prática humana e cultural. Essa dimensão relacional torna-se evidente no caso de Maxwell e memória que tem sobre o pai. Quais expectativas permeiam a recuperação de uma lembrança? Talvez um desejo em humanizar a imagem do pai que foi um miliciano, não é possível afirmar, mas o balanço sociológico deste episódio é observar que existe uma projeção valorativa em transformar a memória em verbo. Por isso, acredito que restringir a memória apenas em seu caráter processual esvai elaborações socialmente construídas.

A dimensão valorativa da memória revela também a capacidade de se movimentar, de produzir deslocamento nas impressões. Lambek (1995) afirma que “as memórias são objetos, não atos”, o autor aqui apresenta a memória não como um produto factual, mas um conjunto de elementos a serem analisados. Baseado na definição gramatical é possível observar que objetos é tudo aquilo que se move, que é colocado e retirado do lugar, aquilo que é criado e destruído, é o que caracteriza um espaço (INGOLD, 2012). Portanto, podemos concluir que a memória possui a capacidade de modular uma experiência, exercendo influência sobre como as lembranças são acionadas e interpretadas ao longo do tempo.

Através dos dados pude constatar que a memória apresenta uma dimensão paradigmática, tais como passado e presente, indivíduo e coletivo. A proposta analítica é desvelar e analisar as fronteiras dessas dualidades dentro do contexto do campo de

estudo. O argumento central aqui é que a memória não se limita a ser um simples espasmo biológico, um conjunto de lembranças com o objetivo exclusivamente instrumental. Ao contrário, a memória é uma construção relacional e social (LAMBEK, 1995). O objetivo é desconstruir a concepção simplista da memória como uma mera coleção de eventos passados e demonstrar sua natureza complexa e interligada com o contexto cultural e territorial.

Por exemplo o aspecto relacional da memória é visto na lembrança individual e coletiva. O discurso da memória individual é uma reunião de resíduos de outras histórias narradas pelo coletivo (HALBWACHS, 1990), a nossa memória não é uma tábula rasa com informações atomizadas, mas um vínculo entre o eu e o mundo. Identificamos que entre esses dois registros, o particular e o geral, existe uma porosidade, permitindo a interação fluída entre esses universos, revelando que os limites são permeáveis. Como destaca Ingold (2012) nos damos conta que as coisas *vazam*. Nesse contexto, torna-se evidente que as fronteiras entre as lembranças pessoais e o contexto coletivo não são estáticas, permitindo que elementos transitem entre essas esferas.

Na introdução, é mencionado a história de Seu Salvador, que tem em média uns 60 anos, é pai de Ligeirinho, veio de Minas Gerais e se tornou proprietário de um bar na região. No nosso primeiro encontro, tive a oportunidade desenvolver uma prosa miúda, e foi importante ouvi-lo discorrer sua trajetória. Segundo os dados Seu Salvador estabeleceu uma conexão entre os eventos oficiais na favela e os acontecimentos de sua própria vida. Nessedia em particular, ele associou a ocupação da Areinha e a conquista de sua primeira casa, vinculou também o início da gestão miliciana nos anos 1990 com a abertura de seu estabelecimento. Além disso, mencionou que frequentemente o miliciano parava lá para "tomar uma".

Cabe registrar, não acredito que seja um dado randômico o relato do interlocutor conectar fatos gerais da comunidade com as conquistas pessoais. Se debruçarmos sobre o episódio podemos observar uma vinculação inconsciente de processos violentos gerais a um acúmulo patrimonial. Mas é importante esclarecer que a exaltação de conquistas materiais não é uma prática exclusiva de Rio das Pedras, é presente em outras favelas como também na classe média carioca. Portanto, o enfoque sociológico repousa na análise da maneira como o indivíduo optou por narrar sua trajetória de vida ao estabelecer uma conexão entre essas duas esferas sociais (ocupação territorial e a milícia).

3. Território e Permanências

“Nenhum entre nós há de apagar da memória sua desencarnada discrição ao ruminar o tempo em suas andanças pela casa (...) a paciência há de ser a primeira desta casa, a viga austera que faz o suporte das nossas adversidades e o suporte das nossas esperas.”

Raduan Nassar, Lavoura Arcaica.

3.1 Território e Territorialidades

O capítulo a seguir continua desenvolvendo análise sobre os deslocamentos espaciais e subjetivos, e se debruça a compreender ao que chamo de permanências em movimento, que são deslocamentos operados no território promovendo mudanças na esfera geográfica, social e econômica. A proposta aqui é mobilizar o escopo conceitual de territorialidades na intenção de analisar como são tecidas as formas de pertencimentos no território de Rio das Pedras. E, observar quais são os estágios de intensidade dessas etapas de reconhecimento e identificação com território e se atravessam momentos de provisoriedade.

Foi a partir da flexibilização metodológica mencionada na introdução do texto que o campo me direcionou o olhar sobre as permanências, portanto pude retornar a chave dos deslocamentos e observar outra espessura de tempo e dos vínculos, e como estes são tecidos com outras expectativas morais. A mudança normativa foi apreendida inspirada em trabalhos como Weitzman (2016), destaque para a seguinte citação:

“ ‘Tecendo deslocamentos’, que expressa a singularidade deste processo de efetivar movimentações. A palavra “tecer” remete ao ritmo mais lento deste fazer, que é regido pelos fluxos do cotidiano e que vai na contramão de movimentos bruscos e repentinos. Também diz respeito ao valor do miúdo: daquilo que se faz aos poucos, com capricho, “devagar e sempre” e sem pretensões de produzir uma grande obra.” (WEITZMAN, 2016, p. 40)

Nesta parte considere importante destacar que territorialidades é o principal guarda-chuva conceitual e decidi apresentar os outros temas a partir desta ótica, por compreender a dimensão criativa sobre a produção de sociabilidades inscritas em um território. O capítulo possui a seguinte estrutura argumentativa: território e

territorialidades, territórios construídos e violência como gestão da vida social e econômica, e por último, as permanências em movimento.

Nessa pesquisa o precedente teórico é investigar as condições históricas de ocupação do espaço e analisar como os sujeitos por meio das relações foram construindo sentimentos de pertencimento no território da favela. A ideia é fazer um breve levantamento histórico das primeiras lutas por moradia, o crescimento econômico imobiliário e o surgimento da segurança privada e gestão da violência interferindo na organização da comunidade e na parte econômica. Cabe mencionar, este trabalho desenvolveu o tema da violência a partir dos dados trazidos pelos interlocutores.

Por exemplo, quando decidi retomar ao surgimento histórico da favela de Rio das Pedras foi na intenção de investigar como os desdobramentos históricos produziram dinâmicas sociais que foram estruturando práticas sociais em um território. Buscar compreender como as relações sociais orientam, modulam e se inscrevem nas estruturas sociais, e aqui parto do pressuposto bourdieusiano que as condições das estruturas são configurações móveis elas se deslocam a partir das ações e reproduções de seus agentes.

O horizonte teórico que têm inspirado esta pesquisa afirma que o espaço é um campo socialmente construído e atualizado constantemente pelos sujeitos. Ou seja, esta definição não será indicada pela posição espacial e sim como a espacialidade é reposicionada a partir das relações sociais (BELL, 1992). A sociologia rural mobiliza a tese da categoria *continuum* rural-urbano como um sistema de representações culturais. Segundo Bell parafraseando a reflexão de Pahl (1966, p. 322) “qualquer tentativa de vincular padrões sociais a partir de ambientes geográficos específicos é um exercício singularmente infrutífero”⁹ (PAHL, 1966 *apud* BELL, 1992, p. 14). Nesse sentido, a proposta de Bell é confrontar a ideia de que existem fronteiras delimitadas entre o campo e a cidade. Em ambos os lugares os atores estão reivindicando valores que atualizam e informam sobre a construção cultural daquela comunidade. A seguir a citação do autor:

“Para as Childerleyans, a ideia de diferenças urbano-rurais é, como Mormont (1987, p.19) descreveu ‘uma abstração que é um princípio de organização e um sistema de valores’. Com base nessa abstração, os residentes derivam uma fonte de identidade como camponeses. Por sua associação com a proximidade com a natureza, eles conferem uma realidade especial e segurança moral a essa identidade. Entre as

⁹ Tradução da autora

consequências de qualquer identidade estão direitos e status associados.” (BELL, 1992, p. 15)

É fundamental diferenciar os termos espaço e território, segundo as definições idiomáticas, o espaço demonstra a ideia de um lugar com poucas referências e informações, enquanto o território imprime uma visão com mais características e atributos. Neste trabalho os desdobramentos analíticos apontam que a definição mais apropriada seria territorialidades, ou seja, a ideia de territórios em movimento, que expressam a relação entre um sistema de representações sociais e dispositivos simbólicos e uma estrutura distributiva do espaço. (GODOI, 2014).

O potencial interpretativo em torno de territorialidades se explica pelo fato do espaço ser transformado e atualizado pelas relações sociais. Portanto, o território é a face normativa onde as sociabilidades são desenvolvidas produzindo assim territorialidades. Ou seja, são os sujeitos que produzem expressões de territorialidades de acordo com suas elaborações subjetivas, culturais e históricas. Segundo Godoi:

“Territorialidades, como processos de construção de territórios recobrem, pois ao menos dois conteúdos diferentes, de um lado a ligação a lugares precisos, resultado de um longo investimento material e simbólico e que se exprime por um sistema de representações e de outro lado, os dois princípios de organização – a distribuição e os arranjos dos lugares de morada, de trabalho, de celebrações, as hierarquias sociais, as relações com os grupos vizinhos. Quando falamos na territorialidade enquanto processo de construção de um território, o aspecto processual merece destaque, pois confere ao território um caráter plástico, isto é, em permanente conformação, não se refere, pois a uma construção definitivamente acabada.” (GODOI, 2014, p. 10)

A autora Pietrafesa Godoi (2014) destaca que a relação entre seres animados (humanos e animais) envolve um processo de rastreamento e defesa de uma determinada área, como se fosse um imperativo territorial. Logo, ao considerarmos essa análise, compreendemos que os seres humanos necessitam de um espaço onde possam suprir suas

necessidades vitais, garantir a sobrevivência e zelar pelo cuidado das futuras gerações. A importância do território permeia tanto a dimensão existencial quanto a social da espécie. É relevante salientar que o território não se limita apenas à sua materialidade, mas também envolve as complexas relações sociais que se inscrevem no espaço. Nesse contexto, defendo que a noção de território transcende a mera delimitação física e está intrinsecamente ligada à tessitura das interações sociais.

Outro ponto que merece atenção, o escopo conceitual de território apresenta a característica processual, enquanto territorialidades se aproxima de uma definição sobre um processo em construção. Se territorialidades denota certa plasticidade interpretativa, território em contrapartida expõe uma concepção de relações de poder inserida na esfera institucional. O reconhecimento de um território está profundamente enraizado em relações jurídico-políticas. Por isso, é fundamental ter em perspectiva o papel desempenhado pelo Estado nessa dinâmica. Portanto, compreender o conceito de território vai além das fronteiras geográficas e abrange a complexa teia de influências políticas e legais que moldam a percepção e a gestão do espaço.

A ideia de recuperar a literatura da sociologia e antropologia rural possui o objetivo de demonstrar a amplitude crítica e teórica que o debate engendrou acerca dos deslocamentos migratórios. O ponto sustentado aqui é apresentar as representações demonstradas pelos atores e aproximá-las das lentes analíticas selecionadas previamente, como um exercício de fricção entre o trabalho empírico e o escopo teórico.

3.2 Territórios Construídos: Violência como Gestão da Vida Social e Econômica

A origem desta pesquisa nasce a partir de inquietações em torno de fenômenos sociais que estão sensivelmente conectados ao desenvolvimento nacional e o crescimento das metrópoles. A nossa trajetória nacional foi construída por indivíduos que *rasgaram o trecho*¹⁰ e *dobraram a cidade*¹¹. Portanto o desafio foi desenvolver tais interesses em categorias teóricas para assim localizá-las na tradição sociológica.

Ao desdobrar as apostas analíticas que fazem os sujeitos migrarem, me recordo do trabalho realizado por Telles (2016, p. 76), segundo a autora destaca: “as estratégias dos migrantes se alteram em função da nova realidade”. Tal afirmação de Telles me lembrou outros autores que investigam a “viração” da cidade como dispositivo apropriado pelas camadas populares seja para moradia ou geração de renda (OLIVEIRA,

2006), contudo as franjas do legal e ilegal são emaranhadas na teia da realidade social (SILVA TELLES, 2010).

No levantamento sobre as motivações da migração, Telles (2016) levanta algumas perspectivas analíticas. Segundo o campo da autora existiam outras possibilidades explicativas para o deslocamento além da chave do trabalho, nesse sentido ela ressalta o aspecto da complexidade de escolhas socialmente disponíveis. Cabe registrar alguns termos pois eles se relacionam com a literatura sobre o trecho:

“Meus informantes enumeram casos muito particulares para explicar a razão da emigração: o salário baixo do chefe de família, a dificuldade de conseguir emprego, seguir o chamado de um parente que afirma que estaria bem no Rio, a vontade de um jovem trabalhador de tentar sua sorte longe da autoridade do pai. Trata-se de uma coleção de casos, que teriam em comum a atração exercida pela vontade de ousar mais, *tentar uma nova sorte*” (TELLES, 2016, p. 80)

A disposição de construir uma “nova sorte” é uma expressão que aponta para inúmeros desejos, possibilidades e vontade de criação. E muita dessa potência subjetiva é expressa na forma como sujeitos ocupam espacialmente e coletivamente a favela. O grupo social é capaz de transformar e alterar a relação com o território.

A expansão territorial de Rio das Pedras revela que, apesar dos moradores tensionarem ampliando as fronteiras do espaço, a concessão de autorização para os lotes estava sob a responsabilidade da prefeitura. Embora tenha ocorrido uma notável mobilização popular, a aprovação institucional era essencial e mediação recaía sobre a associação de moradores. Conforme foi observado por Burgos (2002), em muitas favelas cariocas era comum encontrar associações com expressivo capital político. Além disso, é importante ressaltar que, devido à falta de planejamento urbano adequado, o poder público frequentemente ficava na retaguarda em relação às propostas para a comunidade.

¹⁰ Aqui me inspirei no trabalho etnográfico realizado por Guedes (2013). Sendo possível localizá-la como literatura do trecho no contexto de recessão de grandes investimentos.

¹¹ Outra referência teórica é a obra de Francisco de Oliveira (2006) sobre a expansão urbana nas favelas paulistanas, especificamente as redes de solidariedade e os mutirões realizadas nas comunidades, mesmo que isso em certa medida impactasse o preço da força de trabalho.

Com base nas informações coletadas em campo, tornou-se evidente que a associação de moradores desempenhou um papel ativo, promovendo diversas ações sociais e oferecendo apoio a projetos voltados para a comunidade. Nesse contexto, fica claro que a associação é um espaço permeado por várias motivações complexas, representando uma variável de práticas sociais de natureza complexa. No caso específico de Rio das Pedras, observa-se que houve um acordo entre o poder público e a associação para a terceirização das necessidades da comunidade.

Essa situação torna-se ainda mais problemática uma vez que o crescimento da influência da associação estava solidificado na informalidade das relações, muitas vezes resultando em arbitrariedades (BURGOS, 2002). A expansão do poder da associação, desse modo, é uma questão que se estabelece em um terreno ambíguo e pouco formalizado, o que pode resultar em impactos significativos para a comunidade.

Com o crescimento das periferias nas capitais industriais do Sudeste, surgiram grupos que ofereciam serviços de segurança privada tanto para comerciantes quanto para moradores da região. Eles sustentavam a retórica de que tais serviços impediriam o avanço da criminalidade. No Rio de Janeiro, mais especificamente em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, surgiu uma figura pública e icônica conhecida como "Homem da Capa Preta" (SOUZA E SILVA, 2012). O deputado Tenório Cavalcanti exercia seu mandato e adotava uma estética que remetia a um jagunço populista.

Por sua vez, em São Paulo, os executores de crimes por encomenda eram chamados de "Pés-de-Pato" e comercializavam os mesmos serviços na região metropolitana (MANSO, 2020). Esse fenômeno reflete um padrão de resposta à crescente demanda por segurança em meio ao desenvolvimento urbano e industrial, criando uma complexa paisagem de relações entre a segurança privada, as estruturas políticas e a sociedade civil.

A obra de Luiz Antônio Machado da Silva (2008) especificamente o capítulo escrito por Wania Belchior apresenta a violência como produtora de novas sociabilidades. É possível visualizar no fenômeno das milícias esse desdobramento social. Como a própria autora destaca, a gestão da ordem é garantida pelos membros da "mineira" que aparecem como "heróis civilizadores, homens valentes que valorizam o trabalho honesto (...) quase sempre é este perfil é a retidão viril do imigrante nordestino, um tipo social caracterizado por uma rígida ética do trabalho" (BELCHIOR MESQUITA, 2008, p. 229).

Portanto, a ética do trabalho assume uma dupla condição interpretativa e se reafirma

enquanto um valor de localização masculina, patriarcal, de quem provê o sustento da família em contrapartida ao papel do marginal, recusando-o veementemente. Ou seja, a dimensão valorativa do trabalho se sustenta a partir do dispositivo de alteridade inscrito no estigma da vadiagem¹². A autora Janice Perlman (1977) em sua obra “O Mito da Marginalidade” traz pertinentes considerações:

“Em português e espanhol, a simples palavra marginal tem conotações profundamente negativas. Um marginal, ou um elemento marginal significa um vagabundo indolente e perigoso, em geral ligado ao submundo do crime, da violência, das drogas e da prostituição. Isto constitui um paralelo à antiga tradição de na Europa e nos Estados Unidos, caracterizar os pobres como suspeitos, num ou noutro sentido – “as classes perigosas” ou “pessoas que vivem em zonas de miséria e dor”. (PERLMAN, 1977, p. 124)

Na favela a produção de renda muitas vezes funciona entre a tensão das franjas do legal e ilegal (SILVA TELLES, 2010). A administração da circulação de bens é realizada pela milícia, serviços básicos como água, luz, segurança entre outros¹³ se transformam em mercadorias. Portanto, o acesso a esses serviços se transformam em produto, numa lógica da busca do lucro e expansão de mercadorias.

Na ocasião em que estávamos no bar com Seu Salvador, discutindo as ocupações de lotes das quais ele próprio havia participado, o assunto da atuação da polícia mineira veio à tona. Em um tom de voz baixinho, Salvador menciona: "Eles saíam colocando

¹² A criminalização da lei da vadiagem foi instaurada em 1890. Os autores PAULINO, OLIVEIRA 2020 definem “O ‘vadio’ é associado ao ócio, mas é também raiz da criminalidade e da desordem devido à influência do meio e/ou por determinismo biológico. O ‘vadio’ era um obstáculo ao progresso, a ordem e ao modelo civilizatório que a nascitura República brasileira almejava.” https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistadireitoemovimento_online/edicoes/volume18_numero1/volume18_numero1_94.pdf

¹³ Certa vez em campo um interlocutor comentou que o grupo criminoso da região, além de cobrar o arrego do bar semanalmente começou a exigir o valor do faturamento do uso do banheiro de um bar que ficava próximo ao baile funk, além do arrego do bar.

ordem no bairro", o interlocutor acrescenta: "Eram trabalhadores comuns, como bombeiros, pedreiros e porteiros". Naquele dia, o pai de Ligeirinho explicou que a situação das ocupações frequentemente gerava um "clima tenso", devido à possibilidade iminente de intervenção policial, podendo ocasionar na expulsão dos moradores. Portanto, era fundamental estabelecer uma ordem para evitar o desalojamento das famílias e o retrocesso nas áreas ocupadas.

Com base nas considerações anteriores, é pertinente estabelecer uma relação entre o dado mencionado e o conceito de territorialização conforme proposto por Deleuze e Guattari (1980). Esse conceito aborda a maneira pela qual a produção de desejos se manifesta em um território-mundo fragmentado, permeado por incertezas e riscos. Tal perspectiva dialoga com o estudo de Natália Carvalhosa (2021), que examina a expressão desse fenômeno social. Sua pesquisa concentra-se na análise das formas de resistência cotidiana adotadas por uma comunidade rural diante do processo de expropriação mineral.

Nesse contexto, é possível vislumbrar pontos de semelhança de estudo de Rio das Pedras com o trabalho de Carvalhosa (2021). Ambos exploram estratégias de enfrentamento em um mundo dividido em compartimentos. A dinâmica observada em Rio das Pedras, assim como nas comunidades examinadas por Carvalhosa, revela a capacidade de agência e reação em resposta às pressões e desafios impostos por um ambiente marcado pela desintegração e permeado pela vulnerabilidade.

Portanto, ao estabelecer essa relação conceitual entre a territorialização de Deleuze e o estudo de Carvalhosa, evidencia-se como a produção de desejos e as estratégias de resistência se entrelaçam em contextos diversos, revelando a constante necessidade de negociação e reconfiguração em ambientes marcados pela violência ambiental e urbana.

É fundamental enfatizar que, ao retomar as contribuições teóricas de Deleuze e Guattari (HAESBAERT, 2020), percebe-se que o surgimento da polícia mineira não é uma manifestação do desejo dos moradores que foi territorializado ou capturado. Ao contrário, de acordo com a definição conceitual, a produção de desejo é um processo maquínico, o que implica que os nossos desejos não estão restritos a um único objeto, mas sim a um conjunto complexo de elementos.

Para esclarecer esses conceitos, é importante compreender que o desejo territorializado se refere a desejos que atuam dentro de determinados limites e contornos

estabelecidos a um espaço específico, muitas vezes devido a estruturas de controle social. No entanto, Deleuze e Guattari argumentam que os desejos são muito rotas em construção e podem ser entendidos como um processo maquínico, ou seja, fluxos crescentes de mudança, ritmos pautados pelas transformações.

Ao analisar o caso de Seu Salvador, torna-se evidente que uma parte da população ansiava por um senso de "ordem" em seu espaço, procurando um ambiente que oferecesse segurança. No entanto, é crucial destacar que esse desejo por ordem não se traduz na busca por uma mediação violenta com o propósito de obter maior proteção. Do ponto de vista contratualista, a administração da violência e o uso legítimo da força são responsabilidades atribuídas ao Estado, seguindo a linha mais analítica da definição da participação do Estado na sociedade moderna. A instituição estatal tem como atribuição assegurar a preservação da vida, um princípio que, nos dias de hoje, soa quase como utópicos ruídos.

Em contrapartida, hoje podemos concluir que o desenvolvimento da “polícia mineira” evoluiu para uma complexa forma de disputa de poder de natureza política e econômica. Essa manifestação social não se deu em prol do bem coletivo, mas sim em defesa de interesses individuais. O surgimento e desenvolvimento da “polícia mineira” foram influenciados por uma série de fatores, não sendo meramente uma expressão direta do desejo territorializado, mas sim uma expressão da dinâmica de disputa de poder e interesses que moldaram sua experiência.

O desafio heurístico apresentado por essa informação reside no fato de que o sistema de autodefesa acaba corroborando para a narrativa de que esses grupos de exterminadores fossem responsáveis por resolver as questões da criminalidade, ou seja aniquilando possíveis bandidos e ao mesmo tempo que protegessem os trabalhadores. Este sistema de representação assume um caráter interessante, uma vez que as categorias de "bandido" e "trabalhador" se revelam como signos interpretativos importantes para a comunidade. Portanto, a partir dessas representações, atribui-se uma concepção valorativa a essas identidades, de modo que produzem interpretações sobre os comportamentos dos sujeitos.

No trabalho etnográfico de Feltran (2010) é descrito como os próprios atores vão assumindo e repelindo certas práticas sociais e criando um tipo de espaço com aspirações e convicções coletivas que reagem a fragilidade da segurança pública. Cabe citação:

“A comunidade era composta de trabalhadores e como não havia muita

garantia pública de segurança para seus moradores, era tarefa dessa própria comunidade trabalhadora minimizar a violência nos locais em que vivia. (...)

O ‘mundo do crime’ já começava a aparecer nesses mesmos territórios, e como a figuração era de que ele era o “outro” diametral dos trabalhadores, deveria ser expurgado por eles mesmos. A própria “comunidade” – entenda-se aqui grupos muito minoritários de moradores dos territórios, em ação que se legitimava entre parcelas mais significativas deles – organizava formas de “justiça popular” conhecidas nos anos 1970 e 1980, em diversas metrópoles brasileiras: os linchamentos e o pagamento de grupos de “justiceiros” (ou “pés de pato”, como eram conhecidos, sobretudo na zona sul da cidade), que cuidavam de promover a “limpeza” do nome público desses bairros, assassinando sumariamente aqueles a quem se atribuía a categoria ‘bandido’. A disposição da violência organizada por trabalhadores mantinha então a figura dos ‘bandidos’ como oposta à sua comunidade.” (FELTRAN, 2010, p. 18)

A sistematização etnográfica realizada por Feltran (2010) apresenta como grupos sociais criam respostas defensivas para lidar com os desafios da reprodução da vida. Por exemplo, na intenção em reagir a defasagem de uma atuação da segurança pública institucionalizada a própria comunidade pode produzir mecanismos de proteção. Contudo, a delicadeza do argumento repousa no seguinte ponto: o recurso da “autoproteção” pode vir a se transformar em dinâmicas autoritárias de poder. Dessa forma, a intenção é investigar como é desenvolvido a noção de vínculos sociais em um território atravessado pela violência urbana.

A partir desse contexto a dualidade das representações, isto é, as categorias de "bandido" e "trabalhador", assume um papel central na análise em pois se aproximam das atividades que flertam com as fronteiras entre o legal e o ilegal (FELTRAN, 2010; SILVA TELLES, 2010). O propósito analítico aqui consiste em discernir de que maneira essas categorias operam na construção das moralidades dentro da comunidade, e como ao mesmo tempo em que transformam cenários econômicos no território de Rio das Pedras. O argumento sustentado é que existe deslocamentos sendo acionado nessas inscrições simbólicas. Cabe acrescentar a reflexão do autor Gabriel Feltran sobre o tema:

“As periferias seriam então o lugar dos pobres, e todos sabem o que isso significa: trata-se de lugares subalternos socialmente, por vezes vistos como “submundos”, em que convivem misturados “trabalhadores” e “bandidos”, que despertam piedade e insegurança. Esses estereótipos, reforçados no dia a dia das cidades, evidentemente constroem os limites cognitivos da subjetivação política possível de indivíduos e grupos que vivem nesses territórios. Mais precisamente, essas categorias produzem mais sujeição que subjetivação, inscrevendo em corpos e territórios específicos valores externamente concebidos.” (FELTRAN, 2010, p.571)

Nesse sentido, percebo que o enfoque analítico das territorialidades oferece um conjunto de ferramentas conceituais pertinentes para explorar a natureza intrínseca dessas representações. O desejo de se diferenciar, da alteridade emergem como elementos sociológicos de grande relevância na construção dessas interações sociais. Ao abordar a análise das motivações sobre as permanências dos deslocamentos, é essencial investigar como os indivíduos interpretam e atribuem significados a esses territórios específicos, bem como compreender a configuração das arquiteturas morais que se desenvolvem nesses espaços. Além disso, é fundamental observar a interseção entre as permanências dos deslocamentos e das dinâmicas sociais, porque estas formas delineiam a construção de valores e normas compartilhadas. Essa investigação nos permitirá compreender como as territorialidades operam como importantes fatores-chave na moldagem das relações sociais e na configuração das experiências individuais e coletivas.

Portanto, a chave das territorialidades se apresentam como um arcabouço teórico essencial para aprofundar a compreensão das complexas interações entre deslocamento, permanência e a construção de significados num contexto de uma favela carioca. Portanto, a expectativa aqui é explorar as camadas interpretativas das práticas sociais e das representações, desvendando as conexões profundas entre desejo, identidade, espaço e moralidades.

O contexto histórico dos anos 1990 das periferias foi marcado por um grande desafio, devido ao enfraquecimento da economia industrial e da redução das

oportunidades de emprego com carteira assinada. O trabalho realizado pelo pesquisador e antropólogo Gabriel Feltran (2010) revela justamente que a classe trabalhadora teve que enfrentar o declínio do conceito de mobilidade social por meio da transmissão de status e educação entre gerações. Conforme apontado pelo autor, as famílias que, nas décadas de 1970 e 1980, conseguiram adquirir bens materiais relacionaram essas conquistas às condutas pautadas por valores de trabalho e religiosidade.

O final do século XX, o mundo do trabalho entrava em um acelerado processo de deterioração dos direitos trabalhistas, redução das perspectivas de aposentadoria, privatizações em larga escala e o surgimento de um fenômeno que se consolidaria nas décadas subsequentes: a informalização dos vínculos empregatícios. É a partir desse contexto que a expansão do pentecostalismo passa a evidenciar a crise da ascensão social que a classe trabalhadora nutria, na qual a dedicação ao trabalho e aos estudos era entendida como garantia de estabilidade.

É plausível reconhecer o papel que a igreja passa a desempenhar no contexto das favelas, principalmente pela sua habilidade em incorporar um vocabulário que estimula a criação de possibilidades e oferece uma gramática para a construção de futuros mais promissores. Não é por acaso que o discurso empreendedor encontra tanta adesão nesses espaços.

A expansão do pentecostalismo, não apenas preenche um vácuo deixado pelas dificuldades socioeconômicas, mas também atua como agente de influência na configuração das aspirações individuais e coletivas (REINA, 2021). Sua capacidade de promover um discurso de mobilidade e melhoria de vida se conecta diretamente com a necessidade de respostas diante das transformações no mundo do trabalho e das incertezas que afetam diretamente a classe trabalhadora.

Durante o café na residência de Otília, um momento descontraído, Dona Carmen dispara uma frase em tom de júbilo: "fico feliz porque hoje em dia todos os meus filhos têm *casa própria*. Não gastam dinheiro nem com bebida nem com farra, não tem *vícios*". Enquanto a escuto, meu olhar instintivamente recai sobre minha bolsa, para assegurar que meu maço de cigarros não estavam às vistas.

Ao longo do encontro, Dona Carmen manifesta, em diversos momentos, um claro orgulho da família por seguir esse conjunto de práticas que reforçam valores de integridade e respeitabilidade. A interlocutora enaltece a conduta dos filhos como se fosse um legado familiar, e é notável que a menção às propriedades imobiliárias e ausência de

vício estão vinculadas a uma representação de trajetória de sucesso familiar. Assim, as observações de Dona Carmen revelam não apenas uma perspectiva de conquistas materiais, mas também uma expressão de identidade e moral, de modo que a posse de bens materiais se conectam à preservação de uma imagem de retidão e à evitação de comportamentos considerados prejudiciais.

A trajetória de Dona Carmen ilustra um clássico caso de ascensão social. Até os dias atuais ela continua a desenvolver estratégias para reproduzir o padrão de vida conquistado, permitindo que as gerações subsequentes experimentem certos marcos importantes da vida adulta. A interlocutora compartilhou a respeito da doação de um imóvel para seu neto, que estava prestes a se casar. Dona Carmen enfatiza a importância de apoiá-lo nessa fase da vida, referindo-se ao momento do matrimônio. É relevante notar que o núcleo familiar de Otília, composto por seu filho, marido e mãe, frequentam a mesma igreja há muitos anos.

Assim, observamos que a atuação de Dona Carmen reflete um contínuo esforço para perpetuar não somente conquistas materiais, mas também valores e rituais familiares. A ação de doar um imóvel para seu neto em um momento tão significativo como o casamento reflete não apenas a capacidade econômica, mas também a importância atribuída às tradições familiares e ao apoio mútuo nos momentos cruciais da vida. O aspecto da igreja como um local de encontro e de prática compartilhada reforça ainda mais a coesão e os vínculos familiares em torno de crenças e valores comuns.

Era um domingo e eu atravessava as estreitas vielas sob tímidos raios solares, pude ouvir um samba de Adoniran Barbosa “Moro em Jaçanã, se eu perder esse trem, que sai agora às 11 horas, só amanhã de manhã”, prossegui minha caminhada com confiança, percebendo que os becos já estavam enraizados em minha memória fotográfica, as ruas da favela eram familiares. Neste momento da pesquisa, investigava como a religiosidade produzia impressões, características, informações sobre o território.

Ao chegar ao templo, acomodei-me e mergulhei em um estudo religioso que abordava a relação entre os devotos e a divindade. Durante a explanação, ouvi a seguinte afirmação: "Vocês não precisam buscar conquistas materiais; em vez disso, é fundamental desenvolver um relacionamento com Deus e não depender dessas conquistas. Não devem estabelecer vínculos baseados no medo". O líder prosseguiu, acrescentando: "Se Fulano foi pego roubando? Bem, aqui é assim, se não há um corpo, não há estatísticas. Mas quem sou eu para julgar? Se aquele indivíduo aceitou Cristo, alcançará a salvação, não por seus próprios méritos, mas através da graça."

Deste modo, o episódio vivenciado não apenas evidencia apenas a gestão das respeitabilidades, mas também destaca o papel das práticas religiosas e dos discursos presentes em contextos específicos. O estudo religioso proporcionou uma visão interessante sobre a relação entre violência e espiritualidade, além de revelar nuances na compreensão acerca de temas como justiça e salvação dentro da comunidade.

É importante esclarecer que o homem encarregado do rito religioso fez menção aos casos em que os indivíduos que transgridem as regras preestabelecidas são sumariamente punidos por desafiar as normas estabelecida pelos gestores milicianos. Entretanto, compreendi que o argumento do líder ganha destaque ao analisarmos como os atributos da entidade divina se inserem na narrativa cotidiana. A relação que o líder religioso apresenta atua como se fosse uma espécie de brecha, uma válvula de escape dentro do rigoroso código de honra estabelecido no território. Aquilo que ele se refere como "graça" manifesta-se como um comportamento excepcional diante de uma sociabilidade pautada por práticas violentas.

Assim, fica claro que a explanação do líder religioso não apenas contextualiza os casos de punição, mas também lança luz sobre o papel da crença na mitigação e na ressignificação das normas sociais. A ideia de "graça" apresentada por ele não apenas sugere uma alternativa à lógica de retribuição implacável, mas também reflete uma dinâmica mais ampla, na qual a espiritualidade é utilizada numa espécie de moderação das manifestações de honra e violência na comunidade.

O debate na teologia pentecostal introduz o tema da prosperidade como uma vivência a ser experimentada aqui na terra, ou seja, neste plano, no presente; representa uma expressão da transformação da realidade. E nesse sentido a proposta do empreendedorismo surge como uma resposta ideológica às fissuras do sistema neoliberal, traz à tona uma perspectiva individualista e meritocrática, trazendo à tona um desejo amplamente compartilhado: a busca pela possibilidade de transformação. Nessa perspectiva, acredito que é nessa interseção que a teologia pentecostal e o empreendedorismo se encontram, formando um sistema de compreensão de mundo no qual a imprevisibilidade não é uma limitação, mas sim um fator gerador de horizontes criativos.

Dentro desse contexto, é interessante observar como esses dois campos de pensamento se complementam. A teologia pentecostal, ao oferecer a promessa de prosperidade e transformação, proporciona um alicerce espiritual como um meio de atingir essas metas terrenas.

A paisagem de Rio das Pedras é constituída por um comércio efervescente. Por todo lugar é observado diversas lojas que vendem inúmeras produtos, como lingerie, legumes, bijuterias e itens para celulares. A circulação de mercadorias no território da favela é inebriante, mas o que de fato chama atenção é regulação desse comércio via gestão milícia. O jornalista Bruno Paes Manso (2020) refere algo importante:

“A violência, usada para garantir mercado aos empreendedores locais, também ajuda a entender parte do sucesso dos negócios instalados em Rio das Pedras. Muitas milícias criam monopólios de mercado que garantem o fornecimento exclusivo de produtos que vão de cigarros a kits de churrasco. Em todo esse território, pode não parecer, mas há uma autoridade fiscalizando o certo e o errado. É preciso não ultrapassar a linha. Foi a partir desse núcleo comercial que a comunidade começou a se expandir no final dos anos 1960 e começo dos 1970. Há ordem naquele aparente caos de gente indo e vindo, onde o dinheiro circula e contribui para que Rio das Pedras tenha o segundo maior potencial de consumo entre as favelas brasileiras — mais de 1 bilhão de reais por ano.” (MANSO, 2020, p. 49)

É expressiva a circulação econômica gerada pelo poder miliciano e revela uma diversidade de fontes de rendas. No entanto, essa dinâmica também expõe uma concentração de poder caracterizada por um controle violento e monopolista, sustentado mediante a coerção e ao domínio territorial. É inegável o retrocesso que tais práticas acarretam; contudo, segundo os dados demonstram o domínio exercido por esses agentes transcende o âmbito da violência geográfica e espacial. Há, de fato, uma captura subjetivada e identificada por parte da comunidade diante desses discursos doutrinadores.

Nesse contexto, valores como a ética do trabalho, a integridade da vida pessoal e a busca incessante por condutas corretas e admiráveis ganham destaque e foram observados durante a pesquisa de campo. Esses atributos não apenas permeiam a comunidade, mas também desempenham um papel na atração ou repulsão em relação às dualidades de categorias —bandido e trabalhador— mencionadas no início deste capítulo. Em outras palavras, esses princípios morais parecem influenciar a maneira como os indivíduos reagem e se relacionam com as dinâmicas de poder e controle presentes no ambiente estudado.

Portanto, a análise das práticas milicianas não se restringem somente ao plano econômico ou territorial, mas estendem-se para as dimensões culturais e subjetivas, onde valores e crenças moldam as percepções e as interações da comunidade com a presença e influência desses grupos.

Dito isto, o objetivo deste trabalho é aprofundar o debate sobre a construção de pertencimento subjetivo em um território decalcado em um tipo de violência de espírito de extrativismo capitalista. A pesquisa teve como horizonte de compreensão de que existe um custo social em meio ao processo de deslocamento e, apesar de entender o movimento enquanto ato, não se pode negar as incertezas que o acompanham. O deslocamento pode gerar uma sensação de desestabilização e momentos de angústia ao indivíduo, mas o campo demonstrou que não são os afetos predominantes. Diante desse cenário, compartilho o seguinte questionamento: como são justificadas as permanências diante das incertezas e as angústias do deslocamento?

3.3 Recusa da Maternagem: Deslocamentos e Produção de Moralidades

Ao refletir sobre os temas-chaves — produção de moralidades e território — e aproximá-las ao campo escolhido é inescapável não mencionar o atravessamento da gestão da violência interposto em Rio das Pedras. A configuração territorial da favela apresenta algumas particularidades, por exemplo o desenvolvimento da violência urbana que seguiu percursos diferentes de outras comunidades. Segundo os meus interlocutores Rio das Pedras era uma das únicas favelas que não gerenciavam um comércio de substâncias ilegais, e decerto não é um dado decorativo, não porque provavelmente seja inverossímil, mas a ênfase dada revela mais sobre o sujeito do que o fato em si.

Cabe acrescentar, quando questionados por que decidiram morar naquela região, a resposta massiva era: *“porque aqui não vendem drogas, é mais seguro”*. Interessante observar como as noções de segurança e violência assumem uma plasticidade, quase uma elasticidade interpretativa. Ao aprofundar a leitura sobre as favelas na cidade do Rio de Janeiro, um ponto que tem se destacado com as visitas a campo é a noção de monitoramento dos comportamentos morais na comunidade. Tanto que o autor de referência na área chama atenção “a pertinência do conceito de região moral como instrumento heurístico para se representar a favela” (BURGOS, 2002, p.29).

Nesse sentido, o ato do deslocamento produz a desestabilização de certezas, existe um

estranhamento ao território novo. Portanto, não é dado ao acaso que muitos dos moradores migrantes tenham escolhido morar em Rio das Pedras. O Rio de Janeiro é uma cidade intimidadora, sedutora, mas também reproduz mecanismos de repulsão para “os de fora” (PERLMAN, 1977). Por isso, ter a oportunidade de morar num lugar onde os valores da família e a ética do trabalho são preservados produz uma sensação de estabilidade e segurança nas permanências. Outro argumento sustentado é que a produção de moralidades é atravessada por uma série de deslocamentos, e dessa forma se apresenta como um fenômeno privilegiado de investigação, pois é possível observar o movimento sendo feito e desfeito, traçado e descartado de acordo com as aspirações elaboradas subjetivamente. Segundo John Comerford (2014) os circuitos de deslocamentos se referem também aos deslocamentos de casas (MARCELIN, 1996) e de novos arranjos morais e reputações. Segue citação:

“Os deslocamentos implicam estabelecer novas casas a partir de configurações de casas pré-existentes, e ainda que certamente possam ser explicados em termos das mais diversas motivações algumas das quais econômicas (como a busca por emprego ou terra) não podem ser dissociados da busca de localização moral envolvendo algo como uma gestão da respeitabilidade e produções de reputações.” (COMERFORD, 2014, p. 39)

Outra pesquisa etnográfica que colabora para a reflexão sobre a circulação das moralidades é realizada pela autora Grazielle Dainese (2014), e aponta que a criação das conversas também apresentam circuitos morais entre as casas. O trabalho realizado no interior de Minas Gerais na cidade Terceira Margem, a autora indica como dois dedos de prosa podem virar alvo de maldade, e aqui me refiro a boatos inexistentes. O texto indica a categoria nativa de “falação”, ou seja, um percurso nocivo de informações destiladas ao afetado pela fofoca algumas expectativas sociais. Cabe registrar o seguinte trecho: “tão importante quanto o circuito pernicioso das conversas são também as reputações de quem chega à casa de alguém” (DAINESE, 2014, p. 62)

Outra categoria mobilizada é o “ter controle”. Segundo os margeenses tanto aqueles que são foco das maledicências quanto aqueles que sofrem com os reverses dos comentários, o mais importante é saber se conter. Nesse sentido, é possível compreender que “ter controle” aqui se apresenta como uma plataforma de valor para a comunidade. E

como o próprio campo vai revelando o “ter controle” se refere à capacidade em gerir com habilidade os afetos. A partir desta etnografia, pude analisar que existe uma percepção coletiva sobre a importância individual em administrar os sentimentos, os desejos e inclusive a negação de certas experiências.

Maitê, uma jovem de 26 anos, nasceu em Rio das Pedras e atualmente reside no bairro da Freguesia. Ela concluiu sua graduação e atualmente participa em um programa de pós-graduação. Os pais da interlocutora migraram de uma cidade do interior do Ceará chamada Sucesso. Maitê compartilhou comigo que seus pais são primos, segundo a própria interlocutora afirma “é uma prática comum em famílias nordestinas”, onde casamentos entre parentes são frequentes. A trajetória profissional da família está principalmente relacionada à área de serviços. O pai trabalhou como porteiro na zona sul e, posteriormente, abriu uma loja de eletrônicos em Rio das Pedras. Enquanto isso, a mãe desempenhou a função de empregada doméstica e, após o nascimento dos filhos, concentrou-se nas tarefas domésticas.

Em uma rua movimentada, Maitê e eu nos encontramos em uma padaria, onde mantivemos uma longa conversa. Meu interesse era explorar mais profundamente a relação de Maitê com sua família. Assim, conduzi a conversa fazendo inicialmente perguntas gerais, como "quando seus pais se conheceram" e "quando eles chegaram em Rio das Pedras". Em certo momento o diálogo teve uma virada de pauta. Naquele momento de expansão das redes de contatos, Maitê era a terceira jovem que eu conhecia que foi a primeira pessoa da família a ter uma graduação. Decidi seguir essa aposta analítica, já que desejava compreender melhor a percepção de alguns membros familiares em relação à mobilidade educacional em um território marcado por desafios.

Em meio ao som de buzinas de carro que indicava a lentidão do trânsito final de dia, Maitê diz em tom assertivo: “Não quero ter filhos”. Segundo a interlocutora este é um dos principais pontos de conflito com sua mãe, Maitê revela que sua mãe enxerga esta atitude como uma afronta. Cabe fazer uma pausa e elaborar algumas informações deste episódio, os pais da Maitê são primos, e como a própria mencionou esse arranjo matrimonial é recorrente entre outras famílias do nordeste. Interessante refletir que nesse caso os laços de parentesco revelam uma disposição afetiva circular, a família como um elo de depósito de confiança, por quem vale lutar, mas também um recinto marcado por conflitos. A tensão presente nos laços de parentescos não é fato inédito, mas é interessante

perceber como a transmissão consanguínea dos laços é um lugar de estima moral. Talvez a rejeição à maternagem da Maitê cause tanto desconforto em sua mãe, a negação dessa vocação a coloque num lugar “perigoso”.

É plausível afirmar que as relações de parentesco apresentam um circuito de expectativas morais, portanto, é compreensível que os desejos desse tipo de natureza clandestina¹⁵ assumam contornos litigiosos entre o indivíduo e o grupo familiar. O autor Leonardo Sá (2014) pesquisa o tema das moralidades possíveis e retoma o conceito de troca de Marcel Mauss e nos apresenta um argumento importante, a manifestação da reciprocidade e da troca ocorrem também por meio da produção de moralidades (LEONARDO SÁ). Portanto, as moralidades são como um fio condutor de atitudes socialmente esperadas.

É fundamental considerar que, para a mãe de Maitê, a concepção de configuração familiar está associada a experiência da maternidade como um imperativo de autorrealização de existência. Importante notar, essa perspectiva está relacionada a uma série de valores e arquétipos presentes ao ambiente e trajetória da Maitê. Mas também é relevante considerar que a própria comunidade pode contribuir para a disseminação dessas impressões e expectativas morais. No entanto, mais do que simplesmente comparar essescódigos coletivos, o que se torna fundamental aqui é analisar como esses indivíduos navegam por essas zonas morais e constroem um entendimento inteligível e sensível dos eventos em suas próprias vidas.

É importante salientar que a mobilidade educacional de Maitê provavelmente proporcionou acesso a recursos informativos que demonstraram outras possibilidades de existência para as mulheres, que não estão necessariamente limitadas ao papel da maternidade. É relevante notar que a construção dos papéis de gênero

¹⁵ A associação entre a recusa da maternagem ao que chamo de um desejo de natureza clandestina é fundamentada na leitura no romance de Annie Ernaux (2022), uma jovem universitária de origem operária que narra a experiência de um aborto clandestino na França dos anos 1960. Apesar das diferentes circunstâncias envolvidas, ambos os casos exploram a questão da possibilidade de reprodução social e a limitada margem de poder de decisão da mulher. Além disso, é notável que a autora utiliza uma estrutura narrativa semelhante à encontrada na obra de Pierre Bourdieu “Esboço de Autoanálise” (2004). Ambos os autores apresentam relatos de vida que conectam as misérias e dramas individuais à eventos estruturais da sociologia. Um exemplo marcante disso pode ser observado na seguinte passagem: “Eu estabelecia confusamente uma ligação entre minha classe social de origem e o que estava acontecendo comigo. A primeira a fazer um curso superior numa família operária e de pequenos comerciantes, eu tinha escapado da fábrica e do balcão. Mas nem o vestibular nem a graduação em letras puderam alterar a fatalidade da transmissão de uma pobreza da qual a filha grávida era, da mesma forma que o alcoólatra, o emblema. Eu estava ferrada, e o que crescia em mim era, de certa maneira, o fracasso social.” (ERNAUX, 2022, p.21)

frequentemente envolvem argumentos baseados em determinismos biológicos e lineares da experiência da mulher. No entanto, é essencial mencionar que essas escolhas são elaboradas (decidir ter ou não ter filhos) e realizadas dentro de contextos específicos, sendo atravessadas por um cruzamento de reflexões sociais e subjetivas.

3.4 Permanências em Movimento: Os Vínculos Sociais e Territoriais

Nesta seção, apresento as reflexões elaboradas sobre a pergunta norteadora deste trabalho: "Por que as pessoas persistem na permanência dos deslocamentos?". A presente pesquisa sustenta a tese de que são os vínculos sociais que conferem significado a essa nova realidade territorial. No entanto, devido à natureza contingencial das relações humanas, essas permanências estão sujeitas a mudanças, adaptações e transformações. O que chamo de "permanências" é sobre a decisão de escolher ficar e como esse ato é constantemente atualizado através das relações sociais. Cabe ressaltar, permanecer não é pertencer e sim formas provisórias de lidar com o crescimento dos movimentos.

O trabalho conduzido por Roberta acerca das memórias dos moradores de Rio das Pedras evidencia como os laços desenvolvidos representam uma forma de construção de vinculação. Por exemplo, um dos entrevistados por Roberta respondeu que, se pudesse alterar algo em sua trajetória, não teria vindo para este lugar, mas rapidamente acrescenta em tom afetivo: "Viria para cá para me casar com ela". Nessa declaração, o indivíduo joga com a ambiguidade de suas palavras, pois faz referência a um evento que ele não pode garantir que tenha de fato ocorrido, assim como não pode assegurar que não tenha acontecido. É justamente nessa tensão entre o passado e o futuro que encontramos a justificativa para a situação atual em que nos encontramos. Portanto, através dessas memórias compartilhadas, podemos perceber como a construção do sentido de pertencimento está intrínsecamente ligada à narrativa que os indivíduos tecem sobre suas próprias experiências.

Portanto, é possível afirmar que os deslocamentos e as permanências estão ligados a uma mobilização intensiva da circulação de cuidado e apoio. Em outras palavras, a escolha de se deslocar e estabelecer raízes envolve ativar uma rede de vínculos afetivos. Esse fenômeno se torna especialmente proeminente nas relações de parentesco, onde a decisão de permanecer precede uma série de expectativas que se manifestam através da

cooperação e ajuda mútua.

Nesse sentido, a decisão de se deslocar ou permanecer não é um ato isolado, mas sim parte de uma complexa teia de relações que se entrelaçam em torno de sentimentos particulares. O desejo de deslocamento ou a escolha de estabelecer-se em um determinado local refletem não apenas as aspirações individuais, mas também os laços sociais que sustentam e moldam as decisões. A relação entre mobilidade e estabilidade revela mais sobre onde estão localizadas as relações de maior importância e de maior intimidade. O autor John Comerford define:

“Criação de expectativas, cumprimento ou descumprimento dessas expectativas, e atuação no tribunal da opinião, como diz Bourdieu (1966). Ao movimentar-se entre os diferentes pontos dessa rede ou configuração de casas, lançando mão de possibilidades de moradia, emprego, estudo, assistência médica, dinheiro, afeto, namoro, apoio, refúgio, defesa e segurança, as pessoas vão necessariamente tecendo algo como uma comunidade moral interdependente.” (COMERFORD, 2014, p. 14)

O trabalho de campo em Rio das Pedras demonstrou que existem diversos espaços de circulação de expectativas morais e a igreja foi um dos lugares os quais me dediquei a investigar. Certa ocasião, acompanhei um diálogo interessantíssimo entre a minha interlocutora e a liderança do rito religioso. A conversa era baseada em uma situação hipotética tendo como lema cristão “nem tudo nos convém”, a história era a seguinte, se você passasse em frente ao um bar e reencontrasse um amigo de 30 anos atrás, você pararia no estabelecimento ou seguiria seu caminho? Otília subitamente interrompe e dispara o comentário: “tudo depende da nossa maturidade” e pontua a possibilidade de sentar e pedir um refrigerante. Ela segue o raciocínio “não precisamos romper o vínculo”. Percebo alguns murmurinhos e o debate continua de forma pacificada.

O fato narrado consiste na observação das linhas fronteiriças entre os comportamentos esperados dentro de uma comunidade que compartilha uma religião comum e os vínculos que estabelecemos com aqueles que estão fora dessa comunidade. O elemento de tensão trazido por Otília destaca a importância da autonomia, no sentido etimológico, onde o indivíduo estabelece suas próprias normas, mas também revela a

sensibilidade em negociar para evitar uma situação de ruptura ou colapsar da comunidade a qual pertence.

Nesse contexto, surge um desejo que busca preservar a liberdade de tomada de decisões, garantindo a capacidade individual de agir conforme suas escolhas, sem comprometer a integridade dos laços coletivos. Essa dinâmica sugere a busca por um equilíbrio delicado entre autonomia e pertencimento, em que a autonomia pessoal é valorizada desde que esteja em sintonia com as normas e a coesão da comunidade. Portanto, as ações individuais são moldadas não somente pela busca de liberdade, mas também pela preocupação em manter a harmonia e a continuidade dos laços comunitários.

Nesta parte do texto, desenvolvi o argumento central da pesquisa, no qual exploro o motivo pelo qual as pessoas persistem na representação simbólica do deslocamento e conclui que o que produz essa manifestação social são os vínculos afetivos. Após a sistematização dos dados e aprofundamento teórico, compreendi que as dobraduras morais desempenham um papel fundamental na atualização dessas permanências que estão em constante movimento.

Assim sendo, defendo que o processo de pertencimento ocorre devido à habilidade de vinculação social por parte dos sujeitos. São as relações estabelecidas que dão origem ao sentimento de reconhecimento territorial e subjetivo, modulando as trajetórias individuais e coletivas. Nesse contexto, os vínculos afetivos surgem como elementos-chave na formação e na transformação das percepções sobre deslocamento e permanência, proporcionando assim uma estrutura emocional que sustentam a representação simbólica do pertencimento. Portanto, a análise revela que as relações sociais e a dimensão afetiva são fundamentais na compreensão da complexa dinâmica que impulsiona as escolhas tecidas sobre os diversos deslocamentos e à identificação com territórios escolhidos.

4. Considerações Finais

O presente estudo se dedicou à investigação do fenômeno social do deslocamento migratório a partir da chave das permanências e mobilidades que se entrelaçam nas trajetórias dos moradores de Rio das Pedras. Inicialmente o propósito era analisar os

impactos sociológicos e sociais inerentes ao fenômeno da migração, a pesquisa se expandiu e abrangeu os múltiplos trânsitos experimentados pelos indivíduos, atravessando as esferas espacial, geográfica, no âmbito econômico, educacional.

Ao longo deste estudo, identifiquei um intricado tecido de relações entre as dinâmicas de permanência e mobilidade que caracterizam as experiências dos moradores de Rio das Pedras. Através da análise realizada, evidenciei como as escolhas migratórias reverberam não apenas na dimensão geográfica, mas há também um entrecruzamento das questões econômicas, moldando oportunidades educacionais e redefinindo papéis de gênero desempenhados pelos sujeitos.

Diante disso, compreende-se que as trajetórias dos moradores de Rio das Pedras são impulsionadas por um delicado entrelaçamento entre permanências e movimentos subjetivos. Nesse contexto, a noção de territorialidade adquire novas nuances, não mais como uma entidade estática, mas como um espaço de constante negociação entre as âncoras do passado e as aspirações do futuro.

Após um período dedicado à reflexão sobre a estruturação deste estudo, tornou-se claro que os conceitos centrais que nortearam a pesquisa eram as noções de mobilidade e território. Enquanto a mobilidade emergiu como uma categoria inegociável, pois marcou o ponto de partida deste estudo, o território, por sua vez, representou o campo escolhido para a investigação.

No segundo capítulo, foi selecionado a chave conceitual das mobilidades e se apresentou como uma abertura conceitual fundamental. Através dessa chave, foi possível compreender as diversas formas de trânsito realizadas, destacando-se, entre elas, a manifestação do fenômeno migratório. Além disso, destacada a relevância do tema da memória, uma vez que ele desempenha um papel essencial na interpretação do deslocamento.

No terceiro capítulo, as especificidades do território de Rio das Pedras foram abordadas de forma detalhada, permitindo uma compreensão mais aprofundada de como essas características territoriais influenciam na criação de sociabilidades distintas. Nesta seção, é defendida a perspectiva de que não apenas os territórios exercem impacto nas relações, mas também as relações atuam de forma relacional, qualificando e atribuindo características ao território especificado. Esse fenômeno social é conceituado como "territorialidades" (GODOI, 2014).

Em suma, partindo do ponto que a migração não é uma manifestação social que se realiza apenas na transferência geográfica portanto o objetivo desta pesquisa foi analisar o que faz as pessoas perseguirem os sentidos que a mobilizaram no ato do deslocamento. Dessa forma, a memória ocupa um espaço de relevância sociológica, pois produz interpretações sobre a localização atual do sujeito através de uma narrativa socioafetiva dos acontecimentos realizados. É nessa busca de compreender os motivos que fizeram as pessoas se deslocarem que se constata que as razões também se deslocam e setransformam de acordo com as novas percepções dos sujeitos.

Este trabalho se dedicou a investigar o que movem as pessoas no deslocamento compreendendo também que o deslocamento não é estático, assim como as permanências também são móveis e se atualizam de acordo com as circunstâncias socialmente dispostionadas. Decerto a busca dessa pesquisa teve como elemento disparador o movimento migratório,mas compreendi que ele por si só não explica o que faz as pessoas continuarem a sustentaro ato do deslocamento.

Foi nesse sentido que avaliei como se dá a relação entre as posturas subjetivamente sustentáveis com as condições socialmente possíveis. As inquietações não se encerram, mas promovem outros desdobramentos, como será a produção de desejos subjetivamente construídos nesses trânsitos, como se dá essa tensão? Foi a partir desta faísca analítica que todo o processo foi realizado. A pergunta não é o que moveu, mas o que continua movendo essas pessoas.

5. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Hugo. “Tudo Não É Por Acaso”: Exploração, Greves, Sindicatos Surpreendidos E A Saúde Dos Trabalhadores Do Complexo Petroquímico Do Rio De Janeiro. **Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública — Fiocruz.** Rio de Janeiro, 2016.

BELL, Michel M. The Fruit of Difference: The Rural-Urban Continuum As System of Identity. **Rural Sociology**, v. 31. No 4, p. 65-82, 1992.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia Para A Pesquisa de Campo Produzir: Analisar Dados Etnográficos.** Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro, 2006.

— Esboço de Autoanálise. In: **Esboço de autoanálise; cronologia vida e obra.** Editora Companhia das Letras. 2004.

BURGOS, Marcelo Baumann. **A Utopia da Comunidade: Rio das Pedras uma Favela Carioca.** São Paulo: Editora Loyola, 2002.

CALÉ, Fernandes Fernanda. **Portal das Pedras.** Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo. Rio de Janeiro, 2019.

COMERFORD, John; CARNEIRO, Ana. DAINESE, Grazielle. “Giros etnográficos em Minas Gerais: conflito, casa, comida, prosa, festa, política e o diabo”. **Giros Etnográficos em Minas Gerais.** Rio de Janeiro: 7 letras, Faperj; 2015.

— “Onde Está a “Comunidade”. Conversas, Expectativas Morais e Mobilidade em Configurações Entre o “Rural” e o “Urbano”. **Revista Ruris**, vol. 8, n. 2, set. 2014.

DAINESE, Grazielle. Chegar à Terceira Margem: Um Caso de Prosa, Paixões e Maldade. In: Giros etnográficos em Minas Gerais: conflito, casa, comida, prosa, festa, política e o diabo”. **Giros Etnográficos em Minas Gerais**. Rio de Janeiro: 7 letras, Faperj: 2015.

ERNAUX, Annie. **O Acontecimento**. Tradução Isadora de Araújo Pontes. Editora Fósforo. São Paulo, 2022.

— **O Jovem**. Editora Fósforo. Tradução Isadora de Araújo Pontes. São Paulo, 2022.

FAULKNER, William. **Palmeiras Selvagens**. Editora Cosac Naify. 2ª Edição. 2009.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser Afetado. In; **Cadernos de Campo**, no 13, 2005.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Periferias, Direito e Diferença: Notas de uma Etnografia Urbana. **Revista de Antropologia**. São Paulo, 2010.

GARCIA, Afrânio Jr. Mercado de Trabalho e Campesinato; Trajetórias Ascendentes e a Economia Familiar dos Agricultores: Campesinato, Acumulação e Diferenciação. In: **O Sul: Caminho do Roçado. Estratégias de Reprodução Camponesa e Transformação Social**. Editora Marco Zero. São Paulo, 1989.

GODOI, E. Territorialidade: Trajetória e usos do conceito. In: Raíces. V. 34, n. 2, jul-dez/ 2014.

GUEDES, André Dumans. **O Trecho, As Mães e Os Papéis. Etnografia de Movimentos e Durações no Norte de Goiás.** Editora Garamond. Rio de Janeiro, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** 1990. Editora Vértice. São Paulo 1990.

HAESBAERT, R. “Do corpo-território ao território-corpo (da terra): **Contribuições decoloniais.**” In: **Geographia.** Vol. 22, n. 48. Niterói, UFF: 2020.

HEREDIA, Beatriz. Capítulo 3, “Casa-Roçado” (pp. 48-75). **A Morada da Vida.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais: Editora Paz e Terra, 2013 (1979)

LAMBEK, Michael. “*The Past Imperfect: Remembering as Moral Practice*”. In: Paul Antze & Michael Lambek. **Tense Past: Cultural Essays in Trauma and Memory.** London: Routledge, 1996.

LOPES, José Sergio Leite; CIOCCARI, Marta. **Narrativas da Desigualdade: Memórias, Trajetórias e Conflitos.** Organização José Sergio Leite Lopes e Marta Ciocari. Editora Muad X. Rio de Janeiro, 2013.

MARCELIN, L. H. A invenção da família afro-americana: família, parentesco e domesticidade entre os negros do Recôncavo da Bahia, Brasil. Rio de Janeiro. **Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, UFRJ, 1996.**

MACHADO SILVA, Luiz Antônio (org); BELCHIOR MESQUITA, Wania. “Tranquilidade” Sob Um Ordem Violenta: O Controle Social da “Mineira” em uma Favela Carioca. In: **Vida Sob Cerco: Violência e Rotina nas Favelas do Rio de Janeiro.** Ed: Nova Fronteira, 2008.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: A Degradação do Outro nos Confins do Humano**. São Paulo: Hucitec, 1997. 213 páginas.

MARTINS, José de Souza. A Constituição das Relações Não-Capitalistas na Economia Capitalista do Café; O Imigrante e a Indústria. In: **O Cativo da Terra**. 9ª Edição, 1ª Reimpressão. Editora Contexto. São Paulo 2013.

OLIVEIRA, Francisco. O Vício da Virtude: Autoconstrução e Acumulação Capitalista no Brasil. In: **NOVOS ESTUDOS** 74 MARÇO 2006.

PALMEIRA, Moacir. **Casa E Trabalho; Notas Sobre As Relações Sociais Na Plantation Tradicional**. Contraponto, Niteroi, 2 (2): 103-114, nov. 1977.

PERLMAN, Janice. Retrato do Migrante; Teoria da Marginalidade e o Tipo Ideal. In: **O Mito da Marginalidade**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1977.

POLLAK, Michel. 1989. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, p. 3-15.

REINA, Morgane Laure. Imaginário Religioso e Formação das Subjetividades Políticas no Protestantismo Pentecostal no Brasil. **Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Sociais Universidade de Brasília**.

RUMSTAIN, Ariana. Peões no Trecho. Estratégias de Trabalho e Deslocamento no Grosso. **Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/Museu Mato Nacional/UFRJ**, Rio de Janeiro, 2009.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração e os Paradoxos da Alteridade**. Prefácio Pierre Bourdieu. Tradução Cristina Murachco. Editora Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

SÁ, Leonardo; WERNECK, Alexandre; CARDOSO (org.), Luís Roberto (org.). *Moralidades Possíveis e o Sujeito como Multiplicidade de Práticas: Um Campo Aberto de Questões*. In: **Pensando Bem: Estudos da Sociologia e Antropologia da Moral**. Editora Casa da Palavra. Rio de Janeiro, 2014.

SOUZA E SILVA. **A virtude dos sacrifícios versus a ciência das transações: Tenório Cavalcanti e o campo político do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado. Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- PPCIS/UERJ (2012)

SIMMEL, G. “Sociability (an example of pure, or formal, sociology)”. In: WOLFF, Kurt (org.). *The sociology of Georg Simmel*. New York:

TELLES, Sarah Silva. *Viver na Pobreza: Experiência e Representações de Moradores de uma Favela Carioca*. Editora Novas Edições Acadêmicas. Rio de Janeiro, 2016.

SILVA TELLES, Vera. **A Cidade nas Fronteiras do Legal e Ilegal**. Belo Horizonte 2010.

WEITZMAN, Rodica. *Tecendo Deslocamentos: Relações de gênero, Práticas Produtivas e Organizativas entre Trabalhadoras Rurais*. **Tese de Doutorado, PPGAS/MN**, 2016.

— “Giros etnográficos em Minas Gerais: conflito, casa, comida, prosa, festa, política e o diabo”. **Giros Etnográficos em Minas Gerais**. Rio de Janeiro: 7 letras, Faperj: 2014.